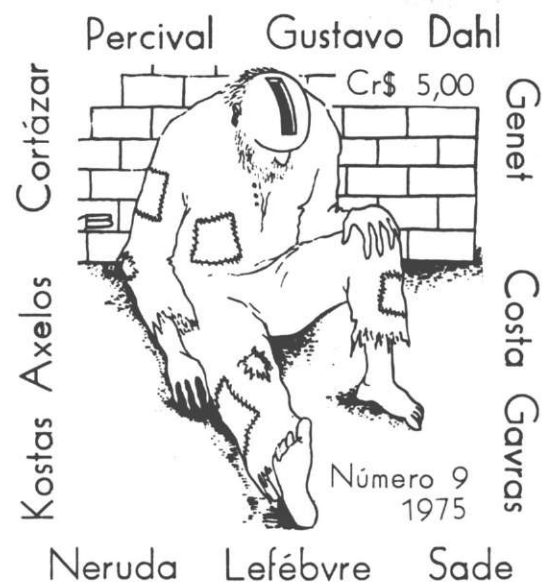


EX-



“Sou um homem de negócios, nada mais. Ganhei dinheiro atendendo aos pedidos da população. Se, fazendo isso, cometi alguma infração às leis, meus clientes são tão culpados quanto eu”.

Al Capone, um exemplo de como subir na vida enquanto quase todos os outros descem, sabia bem o que dizia. Em 1960, quando o escritor inglês Kenneth Alsop foi a Chicago colher depoimentos sobre o personagem mais famoso da história da cidade, ouviu de um professor universitário:

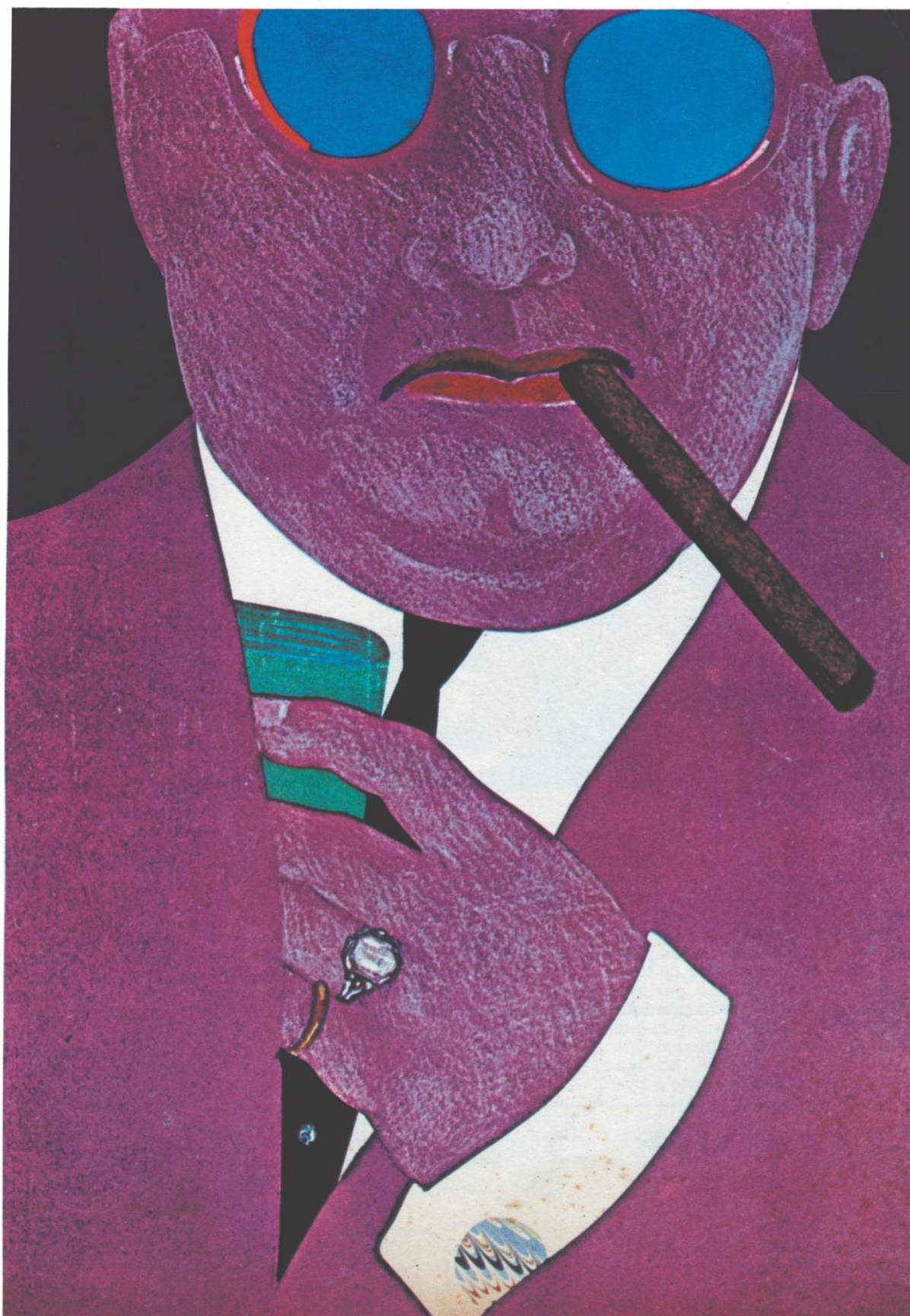
“Capone foi um dos benfeitores da nossa cidade. Não digo isso por admiração, limito-me a reconhecer os fatos. Os empreendimentos de Capone correspondiam às idéias legais e morais de seus habitantes”. Um sociólogo completa: “Os habitantes de Chicago queriam álcool, jogos e mulheres. A organização de Al Capone era uma espécie de serviço público à disposição de seus clientes. Sem o consentimento público ela não teria durado uma semana. Eram precisamente as pessoas de bem que velavam para que os homens de Al Capone tivessem sucesso. Pessoalmente, tenho muito respeito por ele. Fez muito pelos desempregados, durante a Grande Depressão. E mais: fez mais publicidade para o Cadillac, como parte integrante do american way of life, do que toda a General Motors”.

Mesmo Pasley, biógrafo de Al Capone, teve que reconhecer: “Seu dom para negócios era assombroso. Fez inovações em todos os setores”. Frederick Sondern, um dos redatores do Reader’s Digest, só lamenta que a sociedade norte-americana tenha desperdiçado um dos maiores empresários que já possuiu: “Com seu tino de organização, teria se tornado um notável presidente ou diretor geral de uma grande empresa de negócios”.

Fiel seguidor das tradições norte-americanas, sincero admirador de Lincoln e Washington, eficiente cabo eleitoral dos políticos mais conservadores do país, bravo adversário do comunismo, defensor ardente da família, generoso milionário que distribuía refeições gratuitas aos desempregados da Grande Depressão, herói dos escoteiros de seu Estado, católico de ir à missa sempre que podia. Esse era o Al Capone, homem de negócios com talento indiscutível. Mas justo ele, de repente, foi transformado no maior dos bandidos, no sujeito que todos os bons cidadãos deviam combater e desprezar, obrigado a se esconder da ira norte-americana numa discreta mansão da Flórida, à espera da morte. (Continua na pág. 2)

AL CAPONE

O homem de visão de 1929



AL CAPONE

Até morrer, em 1947, e enquanto a sífilis que paralisava seu cérebro permitiu, Al (de Alfonse) Capone não conseguiu perdoar a ingratidão do mundo: "Queria saber por que me chamam de inimigo público. Satisfaço um desejo geral. Faço o melhor que posso, e me esforço para diminuir as perdas o mais possível. Não posso mudar as circunstâncias. Procuro remediá-las, é tudo".

Como o escritor Keneth Alsop descobriu, Chicago se arrependeu e, quase 50 anos depois da Depressão, voltou a admirar Al Capone. Mesmo sendo do conhecimento geral que o seu revólver atirou pelo menos 20 vezes para matar; que promotores, advogados e juizes já calcularam que, obedecendo suas ordens, dos estojos de violino dos seus auxiliares saíram as tradicionais metralhadoras que fizeram mais de 400 vítimas.

Mas, dizem, os tempos eram outros.

CHICAGO, ANOS 20

O dia começa com cadáveres. Eles aparecem de manhã, bem cedinho, junto com o leiteiro: num monte de lenha, no vestibulo de um hotel de luxo, entre as latas de óleo de um depósito. Mas ninguém liga para eles porque tem pressa, e o importante é não chegar atrasado ao banquete em honra do conselho municipal, por volta do meio-dia.

Ali estão todas as pessoas que valem alguma coisa nesta cidade. As flappers, aquelas mulheres de cabelo oxigenado e desalinhado, saias cur-

mero de elogios que faz para o valor do cheque que vai receber assim que terminar. Finalmente, a figura mais dispensável deste restaurante de luxo, a poucos metros da prefeitura: o conselheiro homenageado, cujo olhar falsamente ingênuo e agradecido dispensa maiores explicações sobre sua honestidade.

Desde que Jim Colosimo morreu, no dia 11 de maio de 1920, Chicago começou a contar em mortos os prejuízos de seus negócios. Não fosse sua excêntrica mania de usar suspensórios e ligas bordadas com diamantes, nenhuma das tradicionais famílias da cidade lembraria que Jim começou a vida engraxando sapatos, depois entregara jornais, cometera pequenos roubos, fundara uma associação de eleitores, conseguira criar um círculo de influências e, por fim, se tornara proprietário de uma cadeia de bordéis, salas de jogos e boates. Elegante, nunca se apresentava sem sua bengala e seu chapéu mole. Culto, não perdia um espetáculo de ópera. Dizem que era muito amigo de Caruso.

Se bem que fosse acusado de 10 mortes, Colosimo não era exatamente o que se poderia chamar de um negociante audacioso. Tanto que, em 17 de janeiro de 1920, quando o Congresso norte-americano aprovou a Lex Volstead, que proibia a "fabricação, a venda, o transporte, a importação ou exportação de toda bebida embriagadora", ele se limitou a balançar os ombros e a resmungar uma queixa. Esta sua falta de, digamos, visão empresarial, iria lhe custar uma bala na testa, quatro meses depois.

tinhas. Em 10 anos, 35 mil pessoas iriam morrer de intoxicação alcoólica, 500 mil seriam condenadas à prisão por compra, venda, transporte, consumo ou fabricação do "demônio do álcool", conforme dizia uma das muitas sociedades que havia passado 10 anos em campanha pela Lex Volstead.

Por medida de segurança, Colosimo sempre tinha, a seu lado, um rapaz que viera de Nova York: Johnny Torrio. Ladrão na juventude, assassino profissional em East River, chantagista, agora Torrio era o homem de confiança de Colosimo. Fiel, só se afastou dele uma vez, em toda a sua vida: foi naquele 11 de maio de 1920, para facilitar o alvo do atirador que havia contratado por 10 mil dólares.

Senadores e contrabandistas, fiscais e donos de bordéis, gangsters e policiais davam encontros, se esbarravam e se consolavam entre as cinco mil pessoas que foram ao enterro de Colosimo. Três juizes, um procurador da República, dirigentes da ópera da cidade, dois deputados no Congresso e diversos conselheiros municipais seguravam as alças de seu caixão. Com tanta pompa a fatura da empresa funerária chegou aos 500 mil dólares.

Torrio pagou tudo, achou até barato. Com ele, iria começar a mais lucrativa das indústrias que Chicago já teve: a indústria do álcool. Personalidade com senso para negócios, visão ampla, de boa apresentação, capaz de tomar iniciativas e levá-las adiante, cheio de idéias, sociável e de espírito criador; hábil negociante, com longa experiência em todos os domínios da produção e venda: Torrio tinha — segundo todos os cronistas da época, os amigos e os inimigos, as testemunhas corruptíveis e as incorruptíveis — um talento à altura do que se exige hoje nos anúncios que procuram pelos melhores executivos.

Só seus métodos é que não eram muito ortodoxos. Se o segredo e o silêncio costumam fazer parte dos negócios mais espetaculares, a ascensão de Torrio pôde ser acompanhada nas ruas de Chicago, pelas salvas de metralhadora que se ouviam. Escandalosos, nem por isso seus meios se revelaram pouco eficientes: cinco anos depois, a indústria do álcool estava lhe trazendo uma renda bruta de 70 milhões de dólares por ano.

ANTES DE CAPONE

O uísque jorrava pelo cano de pequenas destilarias, quase artesanais; a cerveja era produzida como se ainda vivêssemos no estágio da manufatura; o estoque de importação era pequeno, mal transportado, e só não desaparecia completamente por causa do esforço de turistas, que recebiam pequenas comissões para chegar à cidade com algumas garrafas. Como atender, assim, aos descendentes de alemães, apreciadores de uma boa cerveja, aos italianos que não dispensavam o copo de vinho às refeições, e mais irlandeses, escoceses e norte-americanos

tradicionais, que não conseguiam esquecer o gim e o uísque?

Torrio começou fazendo aquilo que qualquer homem de negócios que não tivesse perdido o bom senso faria: assegurou o controle da maioria das indústrias paralisadas; reuniu os destiladores de vinho numa produção em cadeia; organizou e racionalizou, com filas de caminhões, o transporte do contrabando; planejou a distribuição e venda das mercadorias. Assim, ao final de dois anos já era dono das oito maiores indústrias da cidade, controlava a maior parte de seu mercado e podia impor seus preços à melhor freguesia.

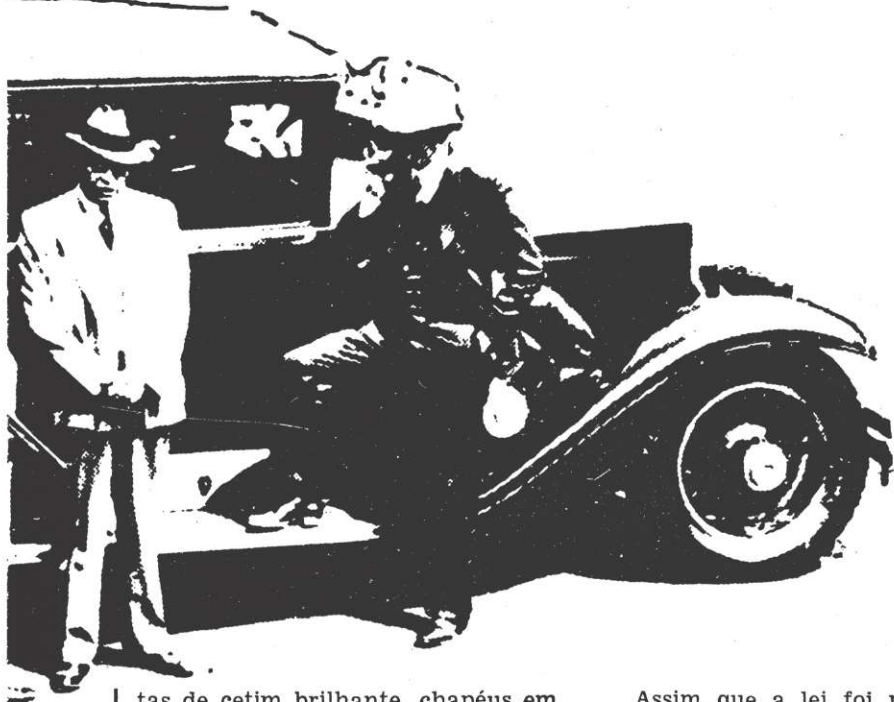
Mas, mesmo uma tarefa aparentemente tão simples, exigiu dele outras habilidades. Como, por exemplo, falar em público para pequenos industriais independentes de Chicago, que acabou transformando em sócios menores de seus empreendimentos. Ou convencer ladrões, atiradores, bookmakers e outros peritos em comércio clandestino, a aceitar seus salários e suas ordens. Sabendo das dificuldades e problemas que o aguardavam, Torrio não se importava de gastar mais, contanto que se cercasse dos melhores assessores que havia. Assim, fez muitas viagens a Nova York, só para encontrar alguns de seus melhores colaboradores. Entre eles, trouxe Al Capone, rapaz que já tinha um passado de muitas façanhas, suficiente para que fosse digno de toda confiança.

Mas Capone ainda era um aprendiz quando chegou a Chicago, o mestre era Torrio. Fazendo contribuições de 250 mil dólares para a campanha eleitoral, ele controlava o prefeito; gastando até 30 mil dólares por bairro, ele tomou conta da polícia em todos os seus escalões. Numa de suas indústrias, a Genna Irmãos fabricava vinhos — dezenas de fiscais da prefeitura e 400 policiais recebiam uma compensadora quantia mensal. E, para evitar abusos, um comissário municipal entregava uma lista de nomes e o total a receber de cada um. Afinal, só se devia pagar quem havia trabalhado:

— Quem não estava na lista não adiantava insistir que não receberia nada — lembrou um alto funcionário da Genna, muitos anos mais tarde, incapaz de esconder uma ponta de orgulho pela perfeição de sua organização.

CONQUISTA DA CIDADE

Mas, às vezes, a lista era pequena demais para garantir, apenas com dinheiro, os lucros do mercado para Torrio. Quando queria estabelecer seu monopólio sobre determinada região, enviava para lá um grupo de colaboradores muito simpáticos, educados e bem vestidos. Eles iam de casa em casa, se oferecendo para resgatar hipotecas, emprestar dinheiro a juros baixos, regulamentar faturas atrasadas ou financiar a compra de um carro novo. Mas em Cicero, nos subúrbios de Chicago, não foi assim. Ela teve de ser conquistada.



tas de cetim brilhante, chapéus em forma de vasos com algumas flores espetadas em cima. Os políticos, sem nenhuma preocupação com as aparências, e confiantes na conquista dos votos das associações de imigrantes. Os policiais, em quem a esperança de uma compensadora promoção desmanchava a careta que suas faces poderiam exibir em outra situação. Empertigado em seu discurso, o advogado converte o nú-

Assim que a lei foi promulgada, a nação americana foi tomada de uma sede histérica. Jornais, revistas, boletins, explicavam como fazer cerveja em casa. Em todas as esquinas surgiam lojas vendendo levedo, lúpulo, malte, e as ferramentas necessárias para a construção de alambiques domésticos. Nova York só precisou de um ano para passar de seus 15 mil bares legais para as 32 mil tabernas clandes-

EXPEDIENTE

Repórteres:
Nelson Blecher e Dácio Nitrini

*

Colaboradores:
Cristina Burger, Edinilton Lampião, Hermes Ursini, Sandra Nitrini, Domingos Cop Júnior, Teresa Caldeira, Joca, Miranda e Pharaó, Luiz Henrique Frouet.

Pesquisa:
Vanira Codato, Luis Guerrero, Cláudio Faviere.

*

Publicidade:
PAULA PLANK

Administração:
ARMINDO MACHADO

EDITORES:
Marcos Faerman, Palmério Dória de Vasconcelos, Guilherme Cunha Pinto, Gabriel Bonduki (redação), Cláudio Ferlauto, Delfim Fujiwara (arte).

EX-Editora Ltda., r. Santo Antonio, 1043 — SP / NENHUM DIREITO RESERVADO / Ex- está assentado no Cadastro da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF, sob n.º 1.341-P.209/73. Distribuição nacional: Superbancas Ltda. (R. Guaianazes, 248, SP). Tiragem: 17 mil exemplares. Impresso nas oficinas do Jornal Paulista, r. Oscar Cintra Gordinho, 46 São Paulo.

Com 50 mil habitantes, a maioria de alta classe média, funcionários bem estabelecidos, comerciantes independentes, um Rotary Club, uma Câmara de Comércio própria, Cicero não concordou em ter, ao lado de suas belas residências, um bairro de casa de jogo, bordéis e boates. Preocupados em manter a austeridade do lugar, os moradores acreditaram nas eleições municipais para resolver seus problemas. Se Torrio era apoiado pelos atuais conselheiros, eles votariam na oposição assim que tivessem essa oportunidade.

Não tiveram. Conta um relatório oficial: "Automóveis, ocupados por homens armados, rondavam as ruas da cidade. Os presidentes de mesa foram espancados e raptados, e os lugares de votar ocupados por gangsters armados. Os eleitores votavam e colocavam as cédulas nas urnas sob a ameaça de um revólver. Os desobedientes foram jogados nos carros, levados para Chicago, onde ficaram presos até o encerramento das eleições. A oposição telefonou para a polícia local pedindo socorro. 70 policiais prestaram juramento diante do juiz e foram transportados para Cicero. Abriram fogo, imediatamente, sobre as sentinelas dos gangsters. A batalha terminou com perdas dos dois lados: ao todo, quatro mortos e 40 feridos. Nas apurações, o antigo conselho municipal foi reeleito por grande maioria.

Um ano depois, anúncios luminosos, tabernas, salões de jogos, centro de apostas, corridas de cães, boates, tinham mudado a vida de Cicero. Mas Torrio não perdoou aqueles conselheiros que lhe haviam dado tanto trabalho. Exigiu que lhe pagassem uma contribuição, espécie de multa pela incapacidade de

peu sua caminhada para saber o que estava acontecendo.

MONOPÓLIO OU MORTE

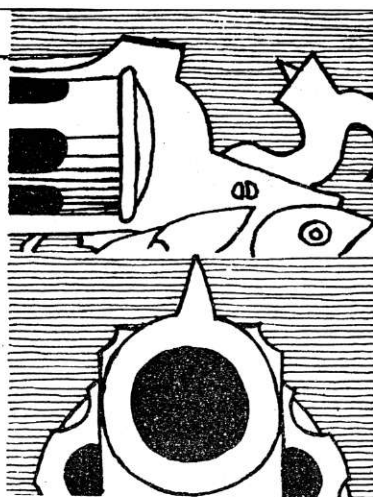
Filho de irlandeses, Dion O'Banion havia sido servo e coroinha da Catedral de Santo Nome, em Chicago, antes de começar a bater carteiras. Depois, foi acusado de 25 assassinatos, mas mesmo assim, todas as noites, entoava cantos religiosos com sua voz melosa. Durante o dia ele gastava com música clássica e flores o que ganhava à noite, vendendo bebidas, explorando casas de jogos e de mulheres.

— Somos grandes capitalistas, mas não temos o chapéu alto — disse ele, numa entrevista.

Se não deixava de sentir orgulho de suas propriedades, O'Banion poderia ter sido um pouco mais modesto em suas convicções. O caso é que, em 1924, o crescimento das empresas de Torrio estava exigindo mercados cada vez maiores para que seus lucros não ficassem cada vez menores. Teimoso, O'Banion recusou-se a vender seus alambiques e destilarias, tentou impedir que Torrio estabelecesse monopólio sobre a região — a zona norte da Cidade. A ousadia lhe custou a vida.

Uma manhã, O'Banion estava aparando os galhos de um feixe de crisântemos. Uma limusine azul passou diante de sua porta. Desceram três homens sorridentes. O primeiro lhe apertou a mão, os outros lhe acertaram cinco tiros.

Nenhum presidente dos Estados Unidos foi enterrado com tanta suntuosidade. O corpo de O'Banion ficou exposto durante três dias nos salões de uma empresa funerária, e mais de 40 mil pessoas assinaram o livro de visitas para vê-lo. O cor-



alta. Mas já não encontrava a mesma disposição de antes, nem para organizar a produção e distribuição das bebidas, nem para planejar uma ação mais arriscada. Chamou o fiel Al Capone e disse:

— Estou cheio, preciso de um pouco de sol. Vou para a Itália. Você toma conta da barraca.

AL CAPONE: O HERÓI

"Napoleão foi o maior gangster do mundo, mas eu poderia ter lhe dado algumas idéias".

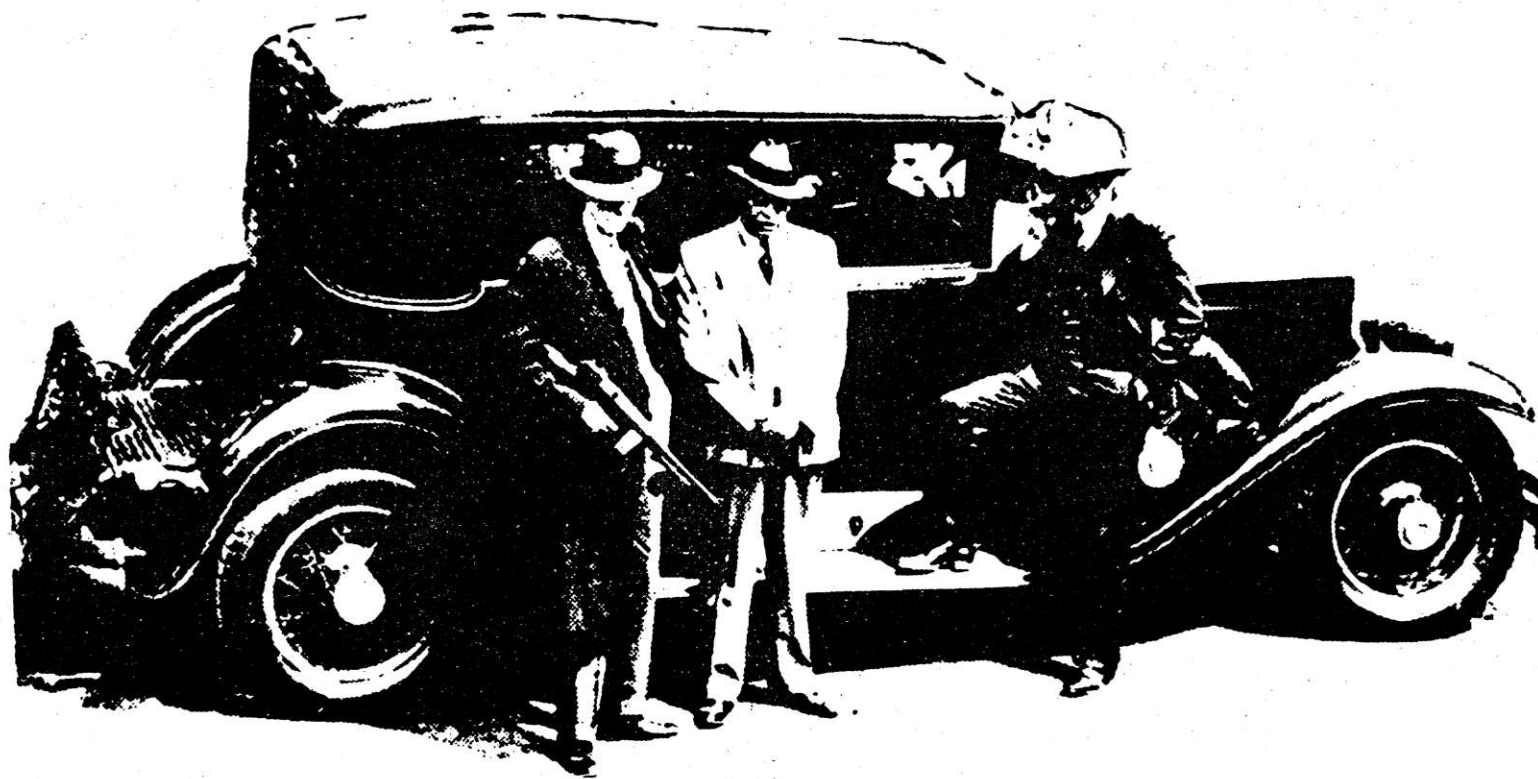
Al Capone não estava brincando quando disse isso. Se Napoleão conquistou a Europa na ponta de balonetes, ele iria conquistar a América com metralhadoras, uísque e dinheiro. Sua primeira medida foi racionalizar a administração central de todos os negócios. Para isso, contratou "Greasy Fingers" Guzik, insubstituível especialista em finanças. Juntos, os dois introduziram métodos modernos de organização, compraram máquinas calculadoras, montaram um escritório onde 25 funcionários cuidavam de todos os problemas burocráticos, como nas modernas firmas.

dade, roteiro obrigatório de turistas que achavam excitante se encontrar com um gangster que saía das salas de treinamento de defesa, onde havia professores de boxe, barras fixas, pesos e remos. Para evitar que as visitas ficassem chocadas, os campos de treinamento de tiro foram instalados no campo, longe da curiosidade inconveniente.

Seria muito difícil atribuir uma exagerada inclinação para soluções pacíficas a Al Capone. Em princípio, ele parece ter compreendido muito bem que os tiros eram apenas uma maneira menos comum de uma empresa capitalista eliminar os concorrentes e garantir seu crescimento. Entretanto, ele não escondia de ninguém que a guerra permanente, nas ruas de Chicago, não era do seu agrado.

Se a metralhadora havia sido indispensável para desbravadores como Torrio, tornara-se uma arma ultrapassada nas mãos de Al Capone e seus concorrentes. Cinco anos depois de estabelecida, a indústria do álcool só podia ser atrapalhada pelas lutas de vida e morte pelo mercado. Walter Stevens, um de seus atiradores prediletos, cobrava 50 dólares por cadáver ("Tenho uma mulher doente e preciso comprar livros para meus filhos adotivos", queixava-se ele). Não era um desperdício?

Foi com estas idéias na cabeça que, em outubro de 26, Al Capone reuniu-se com os grandes concorrentes. Certificou-se de que todos estavam desarmados e apresentou-lhes uma arma muito mais poderosa e garantida que as velhas metralhadoras: fusão de capitais, criação de novas firmas, uma tabela de preços onde todos poderiam ganhar mais.



ganharem uma eleição honestamente. E, pouco depois, fazia as contas, tirava as perdas dos ganhos, e podia ficar satisfeito: só de Cicero lhe vinha uma renda bruta de 100 mil dólares por semana.

Mas nem isso acalmava seus ânimos. Desconfiando cada vez mais da incompetência dos políticos, Torrio escolheu um homem que vivia em Chicago como antiquário, numa butique da avenida Wabash, para ser o verdadeiro prefeito de Cicero: Torrio, agora livre das formalidades de um gabinete, só precisava de um telefone para dar suas ordens ao prefeito. Num dia em que este homem, um tal de Klenha, havia se mostrado especialmente lerdo para atender seus desejos, Torrio apareceu na prefeitura, perdeu a paciência no meio de uma conversa e derrubou-o a rolar pelas escadarias do lugar. Um policial que assistia à cena nem interrom-

tejo tinha mais de dois quilômetros de comprimento, era acompanhado por 20 mil pessoas, três orquestras e seis carros cobertos de flores. "O caixão era enfeitado por anjos de prata na cabeceira e nos pés, e ficava iluminado por velas em castiçais de ouro maciço", descreveu o colunista social de A Tribuna, o principal jornal de Chicago.

Se Torrio não era um dos adeptos mais fervorosos do diálogo para resolver as questões com seus concorrentes, não poderia esperar que eles agissem de outra maneira. Assim, três meses depois do enterro de O'Banion, ele estava entrando em casa quando cinco balas o jogaram por cima da porta, ensanguentado. No hospital, disse aos detetives:

— Sei quem foi, mas isto não é da conta de vocês. Não sou um deo duro.

Três semanas depois, ele recebeu

Depois criou um departamento de segurança e informações: espiões espalhados pela administração da cidade e do Estado, pelos hotéis, agências de viagem e restaurantes; uma equipe de escuta, especializada em ouvir conversas pelos telefones mais importantes. No fim, todo o material conseguido, que incluía dados preciosos sobre a vida, as opiniões e intenções das figuras mais importantes da cidade, era recolhido, depois, num arquivo cuidadosamente organizado.

Para facilitar seus encontros de domingo com os chefes de polícia, os grandes políticos e juristas, Al Capone mudou-se, com seus principais assessores, para o Hotel Metrópole. Logo, aqueles dois andares rigorosamente vigiados, dois elevadores de uso pessoal, bares privados e adegas com vinhos especiais, tornaram-se uma das atrações da ci-

Terminada a reunião, parecia que a indústria do álcool iria finalmente se desenvolver em ritmo de capital monopolista. Todos concordaram em cinco pontos principais: 1) armistício imediato entre os grupos representados; cessação das rixas e das batalhas com arma de fogo; 2) fim dos ataques à mão armada de grupos isolados aos depósitos de álcool dos outros; 3) anistia geral para as ações guerreiras do passado; 4) o chefe de cada grupo garante pessoalmente a disciplina e a execução do acordo; 5) as regiões de vendas, os preços correntes e as participações nos mercados serão fixados durante a reunião. No dia seguinte, acomodado em sua poltrona, Al Capone esfregava as mãos de contentamento, quando os jornalistas apareceram para uma entrevista coletiva:

— Fiz os meninos voltarem à ra-

zão. — declarou — Tinhamos um negócio enorme e o que fazíamos? Um campo fechado. Assim, não havia nada a ganhar, e foi isso o que lhes expliquei. Nosso trabalho já é bastante duro e perigoso, sem mesmo falar destas disputas. Um homem que, em seu ramo, trabalha duramente, tem vontade, no fim do dia, de voltar para casa e repousar. E quando ele não se arrisca nem a ficar sentado perto da janela ou abrir sua porta, que proveito pode tirar de tudo isto?

AL CAPONE: O PATRIOTA

Já não era mais o italianinho nascido em Castellamare, bem perto de Roma, que os pais trouxeram para a América com um ano de idade, que estava ali. Uma história que começou como a da maioria das pessoas: infância miserável, repartida com muitos irmãos; um emprego de salário baixíssimo em vez da escola, aos 13 anos de idade; pequenos roubos em lojas, assaltos um pouco maiores em cabarés, depois a direção de uma boate com bar, salão de jogos e quartos para casais. Por fim, empresas que, só no álcool, lhe rendiam 100 milhões de dólares por ano. Uma fortuna pessoal que chegava aos 40 milhões de dólares. A cicatriz dava uma aparência selvagem a seu rosto, é verdade.

Conservava o gosto pelas aventuras arriscadas. Três meses depois daquele célebre acordo, as metralhadoras apareciam novamente. Seus rivais teimavam em viver em regime de concorrência, quando já era tempo de se unirem para controlar o mercado, sem maiores problemas, como faziam a Ford e a General Motors, por exemplo. Assim, era obrigado a agir sozinho. Nem por isso se mostrava menos esperto: uma vez, mandou que homens de seu departamento de assaltos furassem os pneus de 50 mil carros estacionados, no prazo de quatro semanas, só para aumentar as rendas de suas garagens, onde havia falta de serviço.

Depois de controlar a polícia de Chicago (calcula-se que dois terços da corporação, desde o praça até a mais alta patente, recebiam compensadoras quantias de seus funcionários); de dominar advogados, juizes e promotores (só 4 das 700 brigas entre os gangsters, de 1920 a 30, passaram pelos tribunais); de eleger políticos mais convenientes para seus negócios, Capone descobriu um ramo de negócios onde também iria ganhar dinheiro e fama: os sindicatos operários. Era o fim da década de 20, a crise do capitalismo mundial, os movimentos operários se tornando cada vez mais radicais e combativos, os velhos líderes sendo substituídos por jovens descompromissados e decididos. E Al Capone foi um dos primeiros a deixar de lado qualquer pudor ideológico para garantir a ordem estabelecida: usando de coerção, ameaça de mortes, métodos que antes só pareciam habituais nos regimes fascistas, garantiu para si um terço dos sindicatos de Chicago, em 1931. Agora, além da Prefeitura, da Chefatura de Polícia, dos Tribunais, eram os trabalhadores que ouviam as ordens de Capone. E elas obedeciam, sempre, a uma política muito ao gosto dos patrões:

Precisamos combater o bolchevismo — gostava de dizer — que bate à nossa porta. É preciso que nos unamos para lhe fazer oposição com todas as nossas forças. A América deve ficar pura e sem mancha. Devemos proteger os trabalhadores contra a literatura e a propaganda vermelha, e vigiar para que suas convicções continuem sãs.

Boas convicções não faltavam a Al Capone e seus amigos. Embora fosse um pouco grosseiro demais para conseguir a imagem de herói nacional, os problemas que enfrentou no início da vida, e a fortuna que conseguiu acumular, não podiam deixar de fazer dele um self-

made-man muito apreciado por todos os escalões da classe média americana. Nem os escoteiros de Chicago escaparam ao fascínio que suas brigas com os outros grupos, sua impressionante ascensão e sua ambição indomável provocava nas pessoas: quando 10 mil deles estavam reunidos na North-Western University, no centro da cidade, e Al Capone apareceu por lá, foi saudado por um coro de hurras e gritos pelos alto-falantes: "Good Old Al! Good Old Al!"

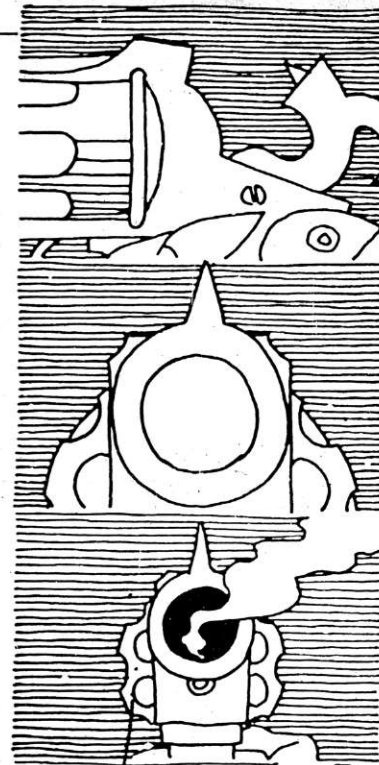
Dos 12 milhões de desempregados norte-americanos criados pela crise de 29, Chicago ficou com a maior parte. E muitos deles comiam nas cozinhas que Al Capone montou, onde as refeições eram servidas de graça. Como pouca gente sabia que os alimentos eram comprados com o dinheiro dos sindicatos, onde ele perseguia e matava os operários que recusavam sua liderança, as pessoas mais ingênuas jamais esqueceram sua generosidade.

Se fosse por Al Capone, a família americana estaria garantida para sempre: "Lugar de mulher é em casa, junto ao berço dos filhos", dizia. Já Walter Stevens, seu assassino favorito, era um pouco mais radical: nunca deixou que suas filhas adotivas se maquiasssem ou usassem saias curtas. Elas também estavam proibidas de ir ao teatro e de ter amigos entre os rapazes de sua geração. Como Stevens, Johnny Torrio jamais pôs uma gota de álcool na boca, a não ser que fosse para testar a qualidade dos alambiques que possuía; assim que se es-

Chicago, de que já não era grosseiro demais para se tornar um deles. Como havia transformado a polícia, os tribunais, os políticos e parte do movimento operário numa empresa pessoal. "A polícia é minha propriedade" dissera Torrio, seu mestre, certa vez, podia caçoar de suas pretensões de honestidade, rir de seus ideais humanistas, sem ser ameaçado por ninguém. Só a burguesia tradicional, com dinheiro, disposição e segurança para se organizar fora de seu controle, poderia derrubá-lo. E foi o que ela começou a fazer em 1930, reunida numa certa Comissão de Chicago, ao lançar como publicidade em todos os jornais a Campanha Contra o Inimigo Público. Dos 28, Al Capone era o primeiro da lista.

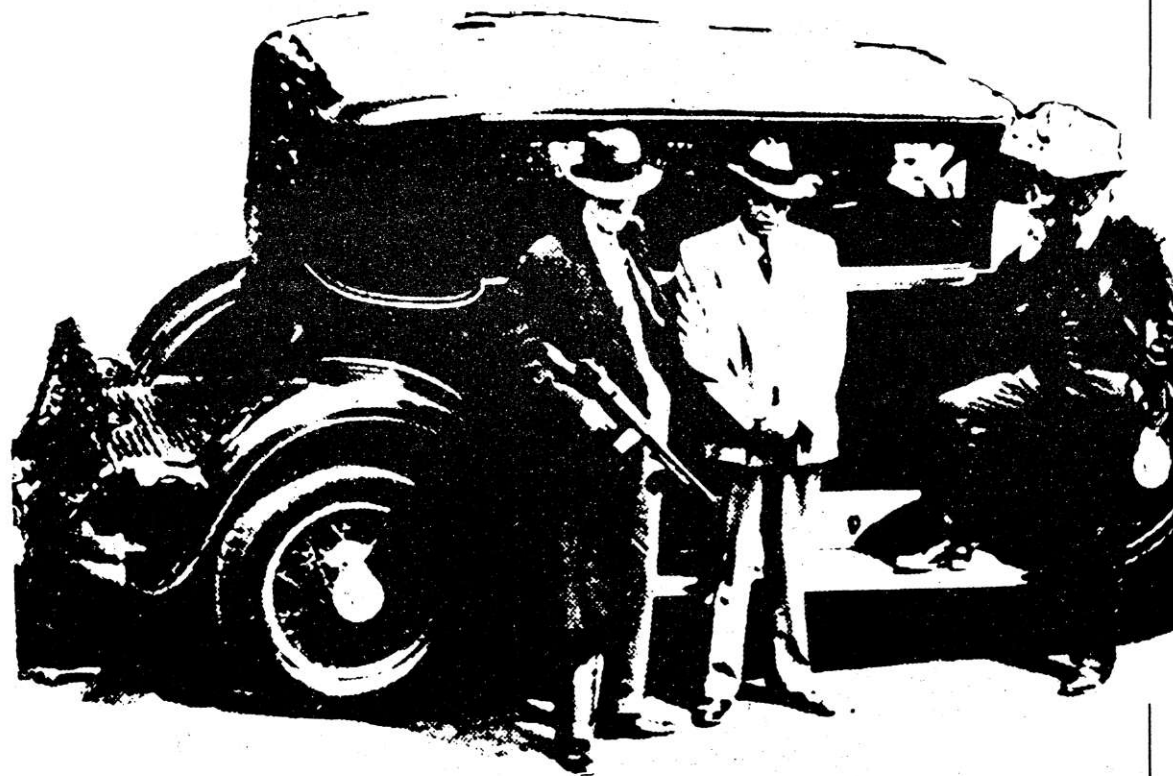
Até parecia brincadeira. No mesmo ano, a Warner Bros. resolveu transformar a história num filme, com o título: Inimigo Público. Dizem os boatos de Hollywood que, antes de James Cagney, Al Capone em pessoa teria sido convidado para representar seu próprio papel, ao lado da louríssima Jean Harlow. Apesar dos 200 mil dólares oferecidos, ele não aceitou, bastante aborrecido com a campanha.

A aventura foi para as telas, mas a realidade começou a perder a graça: saindo de um cinema na Filadélfia, Al Capone foi reconhecido e revistado por dois detetives. Com ele, encontraram uma arma. Não passava de um corriqueiro e, na época, quase inofensivo revólver. Mas como ele não tinha licença para carregá-lo teve que se apresen-



se o motivo, o governo dos Estados Unidos estava disposto a castigá-lo. Depois de muitos estudos e investigações, em outubro de 1931, fiscais do Ministério das Finanças conseguiram condená-lo a 11 anos de prisão e multa de 50 mil dólares pelo único crime que todo bom cidadão já cometeu pelo menos uma vez na vida: sonegar imposto de renda.

Capone foi liberado em 1939, deixando médicos e funcionários da



tabeleceu como negociante de sucesso, uma de suas primeiras preocupações foi comprar uma mansão de 15 empregados para a mãe, que tinha ficado na Itália; outra, era chegar cedo em casa, dedicar um bom tempo à mulher e aos filhos ("Nossa união foi uma lua de mel sem nuvens", lembrou a viúva, certa vez). Já Hymle Weiss, outro atirador de extrema eficiência do mesmo gabarito que Stevens, não tinha coragem de sair de casa se não estivesse com sua correntinha de cruz no pescoço. Como a maioria dos homens de Al Capone, Weiss só disparava seu gatilho depois de pedir a proteção da Virgem Maria.

INIMIGO PÚBLICO?

Apesar de seus esforços e de sua lealdade a toda prova, Al Capone não conseguiu convencer os grandes industriais, os grandes comerciantes as tradicionais famílias de

tar ao delegado. No dia seguinte, o chefe da maior e mais lucrativa indústria ilegal do país; o dono da maior cadeia de boates, casa de jogos e bordéis; o conselheiro de juristas, policiais e políticos importantes era condenado a um ano de prisão por porte ilegal de arma, sem direito a fiança.

Era só o começo. Ao sair da prisão estava tão desmoralizado que um promotor de Chicago conseguiu levá-lo aos tribunais para responder a um processo de vadiagem. Pouco depois, foi simplesmente expulso da Flórida, onde tinha uma casa de campo, sem justificativa alguma. Abandonado pelos amigos, desprezado pelos admiradores que podiam lhe prestar alguma ajuda, Al Capone decidiu:

— Estou cheio. De repente virei um bode expiatório para todo mundo. Vou me retirar em paz.

Não conseguiu. Qualquer que fos-

prisão impressionados com seu bom humor e inteligência. Escondido, voltou para a Flórida, acompanhado de poucos amigos. Nunca se conformou com as humilhações que recebeu ("Vocês não foram justos comigo", queixou-se ao tribunal quando lhe negaram revisão da sua maior pena). Pouco antes de morrer, quando aquele avião da Força Aérea Norte-Americana jogou a bomba atômica sobre Hiroshima, Al Capone deve ter sentido uma ponta de inveja do presidente Harry Truman. Afinal, como ele fazia com suas metralhadoras em Chicago, 200 mil pessoas foram mortas só para que o mercado japonês ficasse garantido para os empresários norte-americanos, então impressionados com o avanço das tropas russas pela Sibéria. Um crime perfeito.

Paulo Moreira Leite

COSTA GAVRAS

Eu sou Costa Gavras, cineasta grego. Faço o chamado cinema político. Estou fazendo agora um filme sobre a ocupação alemã na França, em 1941 — uma crítica da justiça francesa sob as ordens dos nazistas, com roteiro de Jorge Semprún, escritor espanhol exilado em Paris. Nele, tento mostrar o comportamento dos homens no poder durante esse tempo.

Dos meus filmes, os mais conhecidos são *Z*, *Estado de Sítio* e *Confissão*, o único que passou no Brasil. *Z* é uma história real, onde substituí um professor assassinado em 63, durante uma passeata, por um deputado. Um repórter e um juiz, fazendo as investigações, descobrem toda a corrupção e o fascismo que cercam o assassinato, mas nada conseguem provar porque as testemunhas vão desaparecendo misteriosamente.

Estado de Sítio conta a vida, trabalho e morte de um agente da CIA. É uma tentativa didática de expor o mecanismo desse tipo de intervenção na América Latina. O tema de *Confissão* é o stalinismo: a crise de consciência de um homem que sofre prisão e tortura, mas continua tentando ser comunista apesar de Stálin.

Vejo *Z* como um filme de juventude, feito com violência, ódio e amor; um grito que lancei ao compreender o mecanismo da repressão que vivi na Grécia, durante a guerra civil, após a Segunda Guerra. Alguém se torna militante porque deseja mudar as coisas, porque sofreu humilhações e injustiças, e quer acabar com isso.

Hoje não poderia fazer um filme com tanto ódio. Vejo o

irrisório das situações políticas, vejo a loucura incrível do mundo em que vivemos, já não acredito na separação do bem e do mal em pólos opostos nitidamente. As coisas são muito mais loucas e surpreendentes. Quero contar assim minhas histórias.

Muita gente pensou que *Estado de Sítio* era uma apologia do movimento tupamaro. Não foi isso. O filme é, na verdade, uma tentativa didática de expor o mecanismo desse tipo de intervenção na América Latina. Busco no filme a despersonalização do personagem. Sartori (Don Mitriane, agente da CIA morto pelos tupamaros no Uruguai) é um simples executor do sistema, um instrumento. Há centenas, milhares de senhores Mitriane no mundo. O mais monstruoso do personagem é sua normalidade.

Fui muito criticado por causa de *Confissão*. Há um velho clichê stalinista: "isso pode ser utilizado pela direita" que pode ser traduzido por: "não falemos nada, que isso pode ser utilizado pela direita". Que partido comunista do mundo fez um esforço sério para explicar o stalinismo? O objetivo de *Confissão* não era explicar o stalinismo, mas colocá-lo sobre a mesa para retomar uma discussão enterrada. E quando as discussões são enterradas, chegamos a situações como o stalinismo. Lamento que não existam ainda mais filmes desse tipo. Se existissem mais explicações sólidas do stalinismo, Arquipelago Gulag, de Solzhenitsyn, não faria tanto sucesso.

Não sou um teórico; quero me comunicar com o público, simplesmente. Acho que temos

de utilizar o inimigo, a forma que o cinema empregou (desde o começo ele foi feito para propagar a ideologia do capitalismo) para chegar a milhões de pessoas com coisas que não foram ditas ou não se pode dizer. Esta seria, de maneira geral, minha filosofia do cinema. Acho que, quanto mais se completa um tema, quanto mais se aprofunda uma análise, menos público temos. Não sei se nós, os cineastas, colocamos essas coisas na balança para fazer um filme, mas posso dizer que *Estado de Sítio* teve em Paris menos de metade dos espectadores de *Z*. Talvez porque seja um filme mais complexo, não tão espetacular, que pretende fazer uma análise mais profunda.

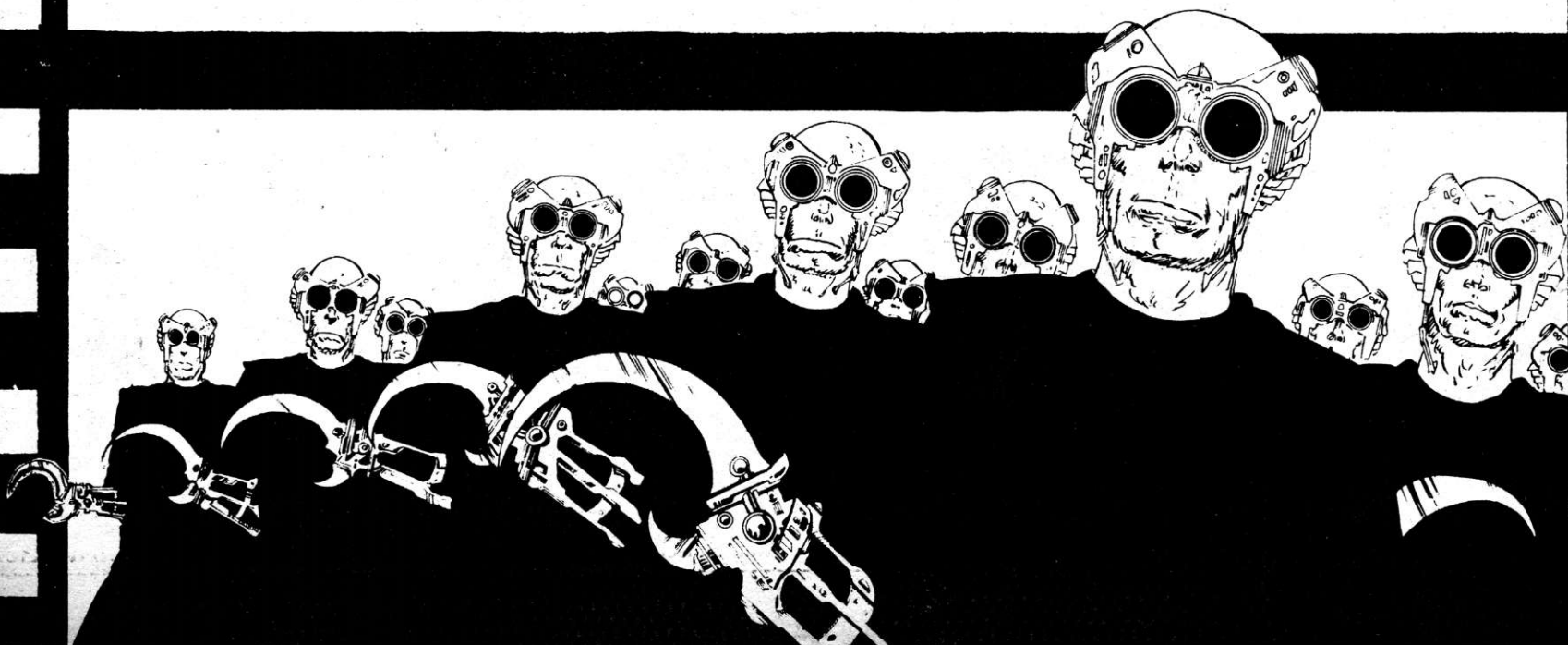
Eis a questão: ou se fazem filmes que pretendem ir o mais longe possível na análise das situações, que são vistos por uma minoria, ou bem se simplifica para outro público que se sente atraído e vai ao cinema. Esse é um dos motivos por que Yves Montand é o meu ator favorito. Dirijo meus filmes fundamentalmente "aos que vão ver Montand porque é um bom moço, porque canta bem". Essa gente, que não leva motivações para o cinema, entra pouco a pouco no mecanismo do filme e o aceita, porque aceitou Montand. E recusaria imediatamente um ator antipático dizendo "isso é pura propaganda". Além disso, ele é um bom ator. Em *Z*, um filme que dura mais de duas horas, Montand aparece sete minutos, e quando se pensa em *Z*, se pensa em Montand.

Muitos me perguntam se não me preocupo com o círculo vi-

cioso: fazer um filme que condena a sociedade de consumo e que acaba virando objeto de consumo. Acho que tudo se converte em objeto de consumo: o pobre Che, seus posters, os livros políticos; Marx, o pequeno livro vermelho de Mao — 700 mil exemplares vendidos na França. Mas acho que o slogan "objeto de consumo" aplicado a tudo é falso. É certo que nossa sociedade fabrica um número de coisas e faz o possível para vendê-las. Mas outros as fabricam, digamos, por acidente, pelo próprio movimento desse grande mecanismo produtor e o sistema não faz nada para que se vendam. Que interesse pode ter em que se vendam aos milhões os livros de Marx ou de Marcuse, que se vejam certos filmes?

Não sou um homem que busca temas contra a repressão, mas vivi a repressão na Grécia e isso influenciou meus filmes. Há 20 anos, tive que fugir da Grécia para a França. Um imigrante que fugia da repressão contra os esquerdistas após a guerra civil. Meu pai, um funcionário público, uniu-se aos maquis — a resistência contra a ocupação dos alemães e italianos —, e foi perseguido depois da libertação, como todos os resistentes, como "comunista". Garoto, tive que enfrentar o estigma de filho-de-bandido.

Em Paris, antes de cinema, tive mil ofícios: motorista, garagista, comprador e vendedor de jornais velhos. Queria escrever mas descobri que o cinema é um meio de expressão muito mais forte, com uma possibilidade de audiência mais ampla que a literatura.



NERUDA

Confesso que vivi

Estas memórias ou lembranças são intermitentes e às vezes esquecidas, porque precisamente assim é a vida. A intermitência do sonho nos permite sustentar os dias de trabalho.

Talvez eu não tenha vivido em mim mesmo; talvez tenha vivido a vida dos outros.

Minha vida é uma vida feita de todas as vidas: as vidas do poeta.

Pablo Neruda

Começarei por dizer, sobre os dias e anos de minha infância, que meu único personagem inesquecível foi a chuva.

Por muito que tenha caminhado, me parece que se perdeu essa arte de chover que se exercia como um poder terrível e sutil em minha Araucania natal.

Se Temuco era a dianteira da vida chilena nos territórios do sul do Chile, isso significava uma longa história de sangue.

Pressionados pelos conquistadores europeus, depois de trezentos anos de luta, os araucanos se reuniram naquelas regiões frias. Mas os chilenos continuaram o que se chamou "a pacificação da Araucania", ou seja, a continuação de uma guerra a sangue e fogo, para despojar nossos compatriotas de suas terras. Contra os índios, todas as armas foram usadas com generosidade: o disparo da carabina, o incêndio de suas choças; logo depois, de forma mais paternal, empregou-se a lei e o álcool. O advogado transformou-se também em especialista na espoliação de seus campos, o juiz os condenou quando protestaram, o sacerdote os ameaçou com o fogo eterno. E, por fim, o aguardente consumiu o aniquilamento de uma raça soberba cujas proezas, valentia e beleza don Alonso Ercilla deixou gravadas em estrofes de ferro, em sua *Araucana*.

Fui crescendo. Começaram a me interessar os livros. Nas façanhas de Buffalo Bill, nas viagens de Salgari, meu espírito foi se estendendo pelas regiões do sonho.

Estávamos rodeados de montanhas virgens, mas eu queria conhecer o mar. Por sorte, meu voluntarioso pai, que era condutor, conseguiu uma casa emprestada de um de seus numerosos compadres ferroviários.

O trem percorria um pedaço daquela província fria. Cada estação

tinha um nome mais bonito, quase todos herdados das antigas propriedades araucanas. Essa foi a região dos mais encarniçados combates entre os invasores espanhóis e os primeiros chilenos, filhos profundos daquela terra.

Pelo tempo em que tinha escrito meu primeiro poema, chegou a Temuco uma senhora alta, com vestido muito comprido e sapatos de salto baixo. Era a nova diretora do colégio das meninas. Vinha de nossa cidade austral, das neves de Magalhães. Se chamava Gabriela Mistral.

Eu a olhava passar na rua, e tinha medo. Era jovem demais para ser seu amigo, demasiado tímido e ensimesmado. Mas posso dizer que Gabriela me embarcou nessa séria e terrível visão dos novelistas russos e que Tolstói, Dostoiévski, Chekov, entraram em minha mais profunda predileção. Seguem acompanhando-me.

Depois de muitos anos de colégio, entrei na terceira classe do trem noturno, que levava um dia e uma noite intermináveis para chegar a Santiago.

A vida daqueles anos na pensão de estudantes era uma fome completa. Escrevi muito mais que até então, mas comi muito menos. Alguns dos poetas que conheci naqueles dias sucumbiram por causa das dietas rigorosas de pobreza.

Um dia de junho de 1927 partimos para remotas regiões.

A Lisboa alegre daqueles anos, com pescadores nas ruas e sem Salazar no trono, me encheu de espanto. No pequeno hotel, a comida era deliciosa. Grandes bandejas de fruta coroavam a mesa. As casas multicolores; os velhos palácios com arcos na porta; as monstruosas catedrais com os esconderijos daqueles que teriam feito, há séculos, Deus viver em outro lugar; as casas de jogos dentro de antigos palácios; a multidão infantilmente curiosa nas avenidas; a duquesa de Bragança,

perdida a razão, andando hierática por uma rua de pedras, seguida por cem meninos vagabundos e atônitos; essa foi minha entrada na Europa.

Junto ao rio sagrado se eleva o templo de Khali, a deusa da morte. Entramos misturados com centenas de peregrinos que chegaram desde o fundo da província hindu, para conquistar sua graça. Atemorizados, farrapentos, são sobrepujados pelos brâmanes que a cada momento se fazem pagar por alguma coisa. Os brâmanes levantam um dos sete véus da deusa execrável e, quando o levantam, soa um golpe de gongo como se fosse para demolir o mundo. Os peregrinos caem de joelhos, saúdam com as mãos juntas, tocam o solo com a testa, e continuam andando até o próximo véu. Os sacerdotes fazem convergir a um pátio onde decapitam bodes de uma só facada e cobram novos tributos. Os balidos dos animais feridos são afogados pelos golpes do gongo. As paredes de cal sujo se salpicam de sangue até o teto. A deusa é uma figura de cara escura e olhos brancos. Uma língua escarlate de dois metros desce desde sua boca até o chão. De suas orelhas, de seu pescoço, pendem colares de crânios e emblemas da morte. Os peregrinos pagam suas últimas moedas antes de serem empurrados para a rua.

Eram muito diferentes daqueles peregrinos submissos os poetas que me rodearam para me dizer suas canções e seus versos. Acompanhando-se de seus tamboretes, vestidos com suas roupas brancas, sentados de cócoras sobre o pasto, cada um deles lançava um ronco, entrecortado grito, e de seus lábios subia uma canção que ele tinha composto com a mesma forma e metro das canções antigas, milenares. Mas o sentido das canções tinha mudado. Não eram canções de sensualidade, à toa, mas canções de protesto, canções contra a fome, canções escritas nas prisões. Muitos desses jovens poetas que encontrei em toda a extensão da Índia, e cujas olhadas sombrias não

poderei esquecer, acabavam de sair do cárcere, iam regressar a seus muros talvez amanhã. Porque eles pretendiam sublevar-se contra a miséria e contra os deuses. Essa é a época em que nos coube viver. E esse é o século de ouro da poesia universal. Enquanto os novos cânticos são perseguidos, um milhão de homens dorme noite a noite junto ao caminho, nos subúrbios de Bombaim. Dormem nascem e morrem. Não há casas, nem pão, nem medicinas. Em tais condições deixou seu império colonial a civilizada, orgulhosa Inglaterra. Despediu-se de seus antigos súditos sem deixar-lhes escolas, nem indústrias, nem moradas, nem hospitais, a não ser prisões e montanhas de garrafas de uísque vazias.

O ônibus saía de Penang e devia cruzar a selva e as aldeias da Indochina para chegar a Saigon. Ninguém entendia meu idioma nem eu entendia o de ninguém. Parávamos em clareiras da selva virgem, ao largo do interminável caminho, e desciam os viajantes, camponeses de estranhas vestes, taciturna dignidade e olhos oblíquos. Já sobravam só três ou quatro dentro do imperturbável veículo que reclamava e ameaçava desintegrar-se sob a noite quente.

De repente, me senti preso de pânico. Onde estava? Aonde ia? Por que passava essa noite interminável entre desconhecidos? Atravessávamos o Laos e o Camboja. Observei os rostos impenetráveis de meus últimos companheiros de viagem. Iam com os olhos abertos. Suas feições me pareceram patibulares. Encontrava-me, sem dúvida, entre típicos bandidos de um conto oriental.

Trocavam-se olhares de inteligência, me observavam de soslaio. Nesse mesmo momento, o ônibus se deteve silenciosamente em plena selva. Escolhi meu lugar para morrer. Não permitiria que me levassem para ser sacrificado embaixo daquelas árvores desconhecidas, cuja sombra escura escondia o céu. Morreria ali, num banco do



DOSTOIEVSKI



GABRIELA MISTRAL



Buffalo Bill

desengonçado ônibus, entre cestas de vegetais e jaulas de galinha que eram a única coisa familiar naquele momento terrível. Olhei à minha volta, decidido a enfrentar a zanga de meus verdugos, e reparei que eles também tinham desaparecido.

Esperei muito tempo, só, com o coração agoniado pela escuridão intensa da noite estrangeira. Ia morrer sem que ninguém soubesse. Tão longe de meu pequeno país amado! Tão separado de todos os meus amores e de meus livros!

De repente, apareceu uma luz e outra luz. O caminho se encheu de luzes. Tocou um tambor; estalaram as notas estridentes da música cambojana. Flautas, tamborins e tochas encheram o caminho de claridades e de sons. Subiu um homem que disse em inglês:

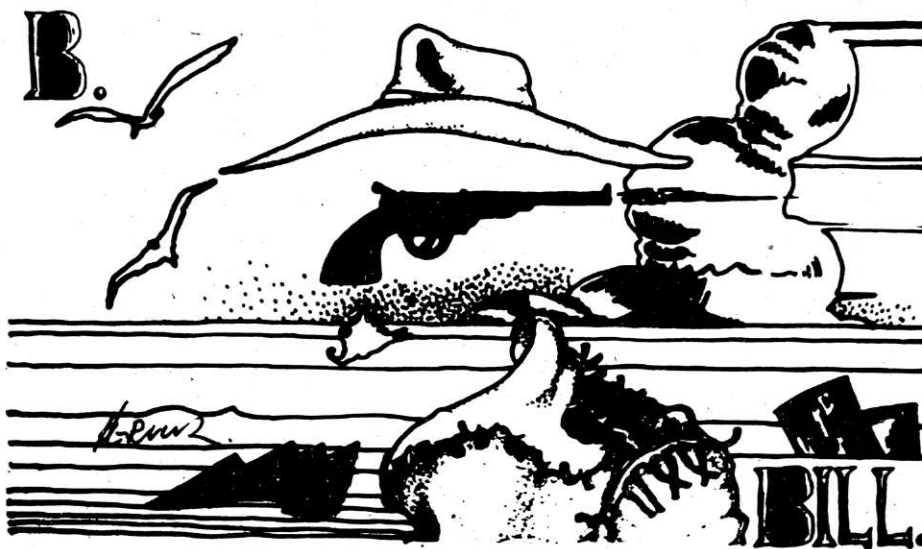
— O ônibus sofreu um enguiço. Como a espera vai ser grande, talvez até o amanhecer, e não há aqui onde dormir, os passageiros foram buscar uma trupe de músicos e bailarinos para que você se entretenha.

Durante horas, sob aquelas árvores que não me ameaçavam mais, presenciei as maravilhosas danças rituais de uma nobre e antiga cultura e escutei, até que saiu o sol, a deliciosa música que invadia o caminho.

O poeta não pode temer o povo. Pareceu-me que a vida me fazia uma advertência e me ensinava para sempre uma lição: a lição da honra escondida, da fraternidade que não conhecemos, da beleza que floresce na escuridão.

Havia ruas inteiras dedicadas ao ópio... Sobre baixos estrados se estendiam os fumadores... Eram os verdadeiros lugares religiosos da Índia... Não tinham nenhum luxo, nem tapeçarias, nem tecidos de seda... Tudo eram tábuas sem pintar, cachimbos de bambu e almofadas de lousa chinesa... Pairava um ar de decoro e austeridade que não existia nos templos... Os homens adormecidos não faziam movimento nem ruído... Fumei muitos cachimbos, até que conheci... Não há sonhos, não há imagens, não há paroxismo... Há um enfraquecimento melódico, como se uma nota infinitamente suave se prolongasse na atmosfera... Um desvanecimento, uma dilatação dentro da gente... Qualquer movimento, do pescoço, da nuca, qualquer som longínquo de carruagem, uma buzina ou um grito corriqueiro, passam a fazer parte de um todo, de uma repousante delícia... Compreendi por que os empregados de plantação, os jornaleiros, os rickshamen que puxam e puxam o ricksha o dia inteiro, ficavam ali de repente, obscuros, imóveis...

O ópio não era o paraíso dos exotistas que me tinham pintado, mas a fuga dos explorados... Todos aqueles, no fumadero, eram pobre diabos... Não havia nenhum pano bordado, nenhum indício da menor riqueza... Nada brilhava no recinto, nem mesmo os semicerrados olhos dos fumantes... Descansavam, dormiam?... Nunca soube... Ninguém falava... Ninguém falava nunca... Não havia móveis, tapetes, nada... Sobre os estrados gastos, suavíssimos de tanto tato humano, se viam umas pequenas almofadas de madeira... Nada mais, a não ser o silêncio e o perfume do ópio, estranhamente repulsivo e poderoso... Sem dúvida existia ali um caminho para o aniquilamento... O ópio dos mag-



natas, dos colonizadores, se destinava aos colonizados... Os fumadores tinham na porta seu preço autorizado, seu número e sua patente... No interior reinava um grande silêncio opaco, uma inação que amortizava a desgraça e adoçava o cansaço... Um silêncio caliginoso, sedimento de muitos sonhos interrompidos que achavam seu remanso... Aqueles que sonhavam com os olhos entrecerrados estavam vivendo uma hora submersa debaixo do mar, uma noite inteira numa colina, gozando de um repouso sutil e deleitoso...

Como era Federico

Uma comprida viagem por mar, de dois meses, me devolveu ao Chile em 1932. Aí publiquei *El Boderero Entusiasta*, que andava extraviado em meus papéis, e *Residência en la tierra*, que tinha escrito no Oriente. Em 1933, me designaram consul do Chile em Buenos Aires, onde cheguei no mês de agosto. Quase ao mesmo tempo chegou a essa cidade Federico García Lorca, para dirigir e estreitar sua tragédia teatral *Bodas de sangre*, na companhia de Lola Membrives.

Fomos convidados pelo Pen Club a um banquete em nossa homenagem. Demos uma grande surpresa. Tínhamos preparado um discurso al alimón. Vocês provavelmente não sabem o que significa essa palavra e eu mesmo não o sabia. Federico, que estava sempre cheio de invenções e tiradas, me explicou:

"Dois toureiros podem tourear ao mesmo tempo o mesmo touro e com um único capote. Esta é uma das provas mais perigosas da arte taurina. Por isso se vê muito poucas vezes. Nunca mais de duas ou três vezes num século, e só podem fazê-lo dois toureiros que sejam irmãos ou que, pelo menos, tenham sangue comum. É isso que se chama tourear al alimón. E isso é o que faremos num discurso". Eis aqui o texto do discurso:

NERUDA: Señoras...

LOCA: ...y señores: Existe na festa dos touros uma prova chamada tourear al alimón, em que dois toureiros escondem seu corpo do touro protegidos pela mesma capa.

NERUDA: Federico e eu, amarrados por um cabo elétrico, vamos duelar e responder esta recepção muito decisiva.

LORCA: É costume nestas reuniões que os poetas mostrem suas palavras vivas, prata ou madeira, e cumprimentem com voz própria seus companheiros e amigos.

NERUDA: Mas nós vamos entre vocês, um morto, um comensal viúvo, escuro nas trevas de uma morte maior que outras mortes, viúvo da vida, de quem fora marido deslumbrante; vamos nos esconder sob sua sombra ardendo, vamos repetir seu nome até que seu poder saia do esquecimento.

LORCA: Nós vamos, depois de enviar nosso abraço com ternura de pinguim ao delicado poeta Amado Villar, vamos lançar um grande nome sobre a toalha, na segurança de que vão se quebrar os copos, vão pular os garfos, procurando o olho que eles anseiam, e um golpe de mar vai manchar as toa-

lhas. Nós vamos nomear o poeta da América e da Espanha: Rubén...

NERUDA: Dário. Porque, señoras...

LORCA: y señores...

NERUDA: Onde está, em Buenos Aires, a praça de Rubén Dário?

LORCA: Ele amava os parques. Onde está o parque Rubén Dário?

LORCA: Onde está a barraca de rosas de Rubén Dário?

NERUDA: Onde estão a macieira e as maçãs de Rubén Dário?

LORCA: Onde está a mão cortada de Rubén Dário?

NERUDA: Onde estão o azeite, a resina, o cisne de Rubén Dário?

LORCA: Rubén Dário dorme em sua "Nicarágua natal" debaixo de seu espantoso leão de mármore, como esses leões que os ricos põe nos portais de suas casas.

NERUDA: Um leão de farmácia ao fundador de leões, um leão sem estrelas a quem dedicava estrelas.

NERUDA: Federico García Lorca, espanhol, e eu, chileno, transferimos a responsabilidade dessa noite de camaradas, para essa grande sombra que cantou mais altamente que nós, e saudou com voz inusitada à terra argentina que pisamos.

LORCA: Pablo Neruda, chileno, e eu, espanhol, coincidimos no idioma e no grande poeta nicaraguense, argentino, chileno e espanhol, Rubén Dário.

NERUDA e LORCA: Por cuja homenagem e glória levantamos nosso copo.

Não permaneci muito tempo no consulado de Buenos Aires. No começo de 1934, fui trasladado com o mesmo cargo para Barcelona. Ao chegar a Madrid, convertido da noite para o dia por arte de birlibirlique em consul chileno na capital da Espanha, conheci a todos os amigos de García Lorca e de Alberti. Eram muitos. Em poucos dias eu era um a mais entre os poetas espanhóis. Naturalmente que espanhóis e americanos somos diferentes. Diferença que se leva sempre com orgulho ou com equívoco por uns ou por outros.

Os espanhóis de minha geração eram mais fraternais, mais solidários e mais alegres que meus companheiros da América Latina. Comprovei ao mesmo tempo que nós éramos mais universais, mais metidos em outras linguagens e outras culturas. Eram muito poucos entre eles os que falavam outro idioma fora do castelhano.

Eu tinha sido um épico inventor de revistas que logo deixei ou me deixaram. Em 1925 fundei uma tal *Caballo de Bastos*. Era o tempo em que escrevamos sem pontuação e descobríamos Dublin através das ruas de Joyce. Depois, com Manuel Altolaguirre, dirigi a revista *Caballo Verde*. Foram para a rua cinco números primorosos, de indubitável beleza. O sexto, ficou na rua Viriato, sem paginar nem costurar. A revista devia aparecer em 19 de julho de 1936, mas naquele dia a rua se encheu de pólvora. Um general desconhecido, chamado Francisco Franco, tinha se revoltado contra a República em sua guarnição da África.

O crime foi em Granada.

Justamente quando escrevo estas linhas, a Espanha oficial celebra muitos — tantos! — anos de insurreição cumprida. Neste momento, em Madrid, o Caudilho vestido de ouro e azul, rodeado pela guarda-mor, junto com o embai-



FRANCO



PICASSO



LORCA



xador norte-americano, o da Inglaterra e vários outros, passa em revista as tropas. Compostas, na maioria, de rapazes que não conheceram aquela guerra.

Eu sim a conheci. Um milhão de espanhóis mortos! Um milhão de exilados. Parecia que nunca mais se apagaria da consciência humana essa espinha sangrenta. E, no entanto, os rapazes que agora desfilam diante da guarda-mor, ignoram talvez a verdade dessa história tremenda.

Tudo começou para mim na noite de 19 de julho de 1936. Um chileno simpático e aventureiro, chamado Bobby Deglané, era empresário de catch-ascan no grande circo Price de Madrid. Manifestei-lhe minhas reservas sobre a seriedade desse "esporte", e ele me convenceu para que fosse ao circo, junto com Garcia Lorca, para verificar a autenticidade do espetáculo. Convenci Federico e ficamos de nos encontrar ali. Passaríamos um tempo vendo as truculências do Troglodita Mascarado, do Estrangulador Abissínio e do Orangotango Sinistro.

Federico faltou ao encontro. Já ia na direção de sua morte. Já não nos veríamos mais. Seu encontro era com outros estranguladores. E desse modo, a guerra da Espanha, que mudou minha poesia, começou para mim com o desaparecimento de um poeta.

Que poeta! Nunca vi reunidos como nele a graça e o gênio, o coração alado e a catarata cristalina. Federico Garcia Lorca era o duende dissipador, a alegria centrífuga que recolhia em seu seio e irradiava como um planeta a felicidade de viver. Ingênuo e comediante, cósmico e provinciano, músico singular, esplêndido mimico, assustado e supersticioso, radiante e gentil, era uma espécie de resumo das idades da Espanha, do florescimento popular; um produto arábico-andaluz que iluminava e perfumava como um jasmimzeiro todo o palco daquela Espanha, ai de mim!, desaparecida.

Federico teve um pré-conhecimento de sua morte. (...) Presenciou, então, uma cena de terror. Os porcos se jogaram sobre o carneiro e ao lado do horror do poeta despedaçaram-no e o devoraram.

Federico Garcia Lorca não foi fuzilado; foi assassinado. Naturalmente ninguém podia pensar que o matariam alguma vez. De todos os poetas da Espanha, era o mais amado, o mais querido, o mais semelhante a um menino por sua maravilhosa alegria. Quem poderia acreditar que haveria sobre a terra, e sobre sua terra, monstros capazes de um crime tão inexplicável?

A incidência daquele crime foi para mim a mais dolorosa de uma longa luta. A Espanha sempre foi um campo de gladiadores; uma terra com muito sangue. A praça de touro, com seu sacrifício e sua elegância cruel, repete, enfeitada de trapaça, o antigo combate mortal entre a sombra e a luz.

Passou o tempo. Minha função consular tinha terminado. Por minha participação na defesa da República espanhola, o governo do Chile decidiu afastar-me de meu cargo.

Chegamos a Paris. Pegamos um apartamento com Rafael Alberti e Maria Teresa León, sua mulher. Atrás da gente, na praça Dauphine, vivia o escritor francês Alejo Carpentier, um dos homens mais neutros que conheci. Não

se atrevia a opinar sobre nada, nem sequer sobre os nazistas que já montavam em cima de Paris como lobos famintos.

Aragon e Paul Eluard

Tive por sorte na França, e por muitos anos, como meus melhores amigos os dois melhores homens de sua literatura, Paul Eluard e Aragon. Eram e são curiosos clássicos do divertimento, de uma autenticidade vital que os situa no mais sonoro do bosque da França. Ao mesmo tempo são naturais participantes da moral histórica. Poucos seres tão diferentes entre si como esses dois. Desfrutei o prazer poético de perder muitas vezes o tempo com Paul Eluard. Se os poetas respondessem de verdade às entrevistas, soltariam o segredo: não há nada tão gostoso como perder tempo. Cada um tem seu estilo para esse antigo costume. Com Paul não me dava conta do dia nem da noite que passava e nunca soube se tinha importância ou não o que conversávamos. Aragon é uma máquina eletrônica da inteligência, do conhecimento, da virulência, da velocidade eloquente. Da casa de Eluard sempre saía sorrindo, sem saber de que. De algumas horas com Aragon saio esgotado porque esse diabo de homem me obrigou a pensar. Os dois foram irresistíveis e leais amigos meus e talvez o que mais eu gosto neles é sua antagônica grandeza.

Nancy Cunard

Na verdade, ela foi um dos personagens quixotescos, crônicos, valentes e patéticos, mais curiosos que conheci. Herdeira única da Cunard Line, filha de Lucy Cunard, Nancy escandalizou Londres lá pelo ano 1930, fugindo com um negro, músico de um dos primeiros jazz band importados pelo hotel Savoy.

Quando Lady Cunard encontrou o leite vazio de sua filha e uma carta dela em que lhe comunicava, orgulhosamente, seu negro destino, a nobre senhora se dirigiu a seu advogado e tratou de deserdá-la.

Nancy Cunard devolveu o golpe. Em dezembro do ano em que foi excomungada pela mãe, toda a aristocracia inglesa recebeu como presente de Natal um caderno de capas vermelhas intitulado *Negro man and white lady ship*. Nunca vi nada mais corrosivo:

"Se você, branca Senhora, ou melhor os seus, tivessem sido sequestrados, feridos e aprisionados por uma tribo mais poderosa e logo transportados para longe da Inglaterra para ser vendidos como escravos, expostos como exemplos irrisórios da fealdade humana, obrigados a trabalhar a chicotadas e mal alimentados, o que teria subsistido de sua raça? Os negros sofreram essas e muitas outras violências e crueldades. Depois de séculos de sofrimento, eles, ainda assim, são os melhores e mais elegantes atletas, e criaram uma nova música, mais universal que qualquer outra. Poderiam vocês, brancos como você, ter saído vitoriosos de tanta iniquidade? Então, quem vale mais?"

Estávamos em Paris em 1937 e o principal era preparar um congresso de

escritores antifascistas de todas as partes do mundo, em Madrid. Foi ali que comecei a conhecer Aragon. O que me surpreendeu inicialmente nele foi sua capacidade incrível de trabalho e organização. Cumpria longas horas seguidas de trabalho em nosso pequeno escritório. E logo, como é sabido, escreve extensos livros em prosa e sua poesia é a mais bela da língua francesa.

Tinha ficado sem o consulado e, em consequência, sem um centavo. Fui trabalhar, por quatrocentos francos antigos, numa associação de defesa da cultura, dirigida por Aragon. Vivíamos num hoteleco suspeito onde todo o primeiro andar era reservado para os casais ocasionais que entravam e saíam. Comemos pouco e mal durante alguns meses. Mas de todas as partes chegavam valiosas respostas. Uma de Yeats, poeta nacional da Irlanda. Outra de Selma Lagerlof, a grande escritora sueca. Os dois eram muito idosos para viajar a uma cidade asediada e bombardeada como Madrid, mas ambos aderiram à defesa da República espanhola.

Traga-me espanhóis

O governo do Chile tinha mudado. Os mesmos inspiradores do povo espanhol tinham robustecido as forças populares chilenas, e agora tínhamos um governo progressista. Esse governo da Frente Popular do Chile decidiu me enviar à França, para cumprir a mais nobre missão que exerci em minha vida: a de tirar espanhóis de suas prisões e enviá-los a minha pátria.

Quase inválido, recém-operado, engessado em uma perna, apresentei-me ao presidente, Aguirre Cerda, que me recebeu com afeto.

— Sim, traga-me milhares de espanhóis. Temos trabalho para todos. Traga-me pescadores; traga-me bascos, castelhanos, extremenhos.

E em poucos dias, ainda engessado, fui para a França buscar espanhóis para o Chile.

Comprei um jornal. Ia andando por uma rua de Verenes-sur-Seine. Naquela dia estourava a segunda guerra mundial. Assim o dizia em grandes tipos de suja tinta preta, o diário que caiu em minhas mãos naquela velha aldeia perdida da França.

Acostumei-me naqueles dias crepusculares a essa incerteza europeia que não sofre revoluções contínuas nem terremotos, mas mantém o veneno mortal da guerra saturando o ar e o pão. De medo dos bombardeios, a grande metrópole se apagava de noite, e essa escuridão de sete milhões de seres juntos, essas trevas espessas em que tinha de andar em plena cidade-luz, ficaram-me coladas na memória.

No final dessa época, como se toda essa longa viagem tivesse sido inútil volta a ficar só nos territórios recém-descobertos. Olho para todos os pontos da claridade e da escuridão e só encontro o próprio vazio que as minhas mãos elaboraram com cuidado fatal.

Mas o mais próximo, o mais fundamental, o mais extenso, o mais incalculável não aparecia até este momento em meu caminho. Tinha pensado em todos os mundos, mas não no homem. Havia explorado com crueldade e agonia o coração do homem; sem pensar nos homens havia visto cidades, mas

cidades vazias; havia vista fábricas de trágica presença mas não havia visto o sofrimento debaixo dos tetos, sobre as ruas, em todas as estações, nas cidades e no campo.

As primeiras balas que atravessaram as guitarras da Espanha, quando em vez de sons saíram delas borboões de sangue, minha poesia se detém como um fantasma em meio das ruas da angústia humana e começa a subir por ela uma corrente de raízes e de sangue. Desde então meu caminho se junta ao caminho de todos. E logo vejo que desde o sul da solidão fui até o norte que é o povo, o povo a quem minha humilde poesia quisera servir de apoio e de lenço, para secar o suor de suas grandes dores e para dar-lhe uma arma na luta do pão.

Siqueiros

David Alfaro Siqueiros (o muralista mexicano) estava então no cárcere. Alguém o tinha embarcado numa incursão armada à casa de Trotsky. Conheci-o na prisão, mas, na verdade também fora dela, porque saíamos com o comandante Pérez Rulfo, chefe da penitenciária, e íamos tomar uns copos por ali, onde não fôssemos muito notado. Já tarde, na noite, voltávamos e eu me despedia com um abraço de David que ficava atrás de suas grades. Siqueiros é a explosão de um temperamento vulcânico que combina assombrosa técnica e longas investigações.

Entre saídas clandestinas da prisão e conversas sobre tudo o que existe, tramamos Siqueiros e eu sua libertação definitiva. Munido de um visto que eu mesmo estampeei em seu passaporte, dirigiu-se ao Chile com sua mulher, Angelica Arenales. O México tinha construído uma escola na cidade de Chillán, que havia sido destruída pelos terremotos, e nessa "Escola México", Siqueiros pintou um de seus murais extraordinários. O governo do Chile me pagou este serviço à cultura nacional, suspendendo-me de minhas funções por dois meses.

Asturias

Decidi visitar a Guatemala. Passei uma semana com Miguel Angel Asturias, que ainda não se havia revelado com suas novelas vitoriosas. Compreendemos que havíamos nascidos irmãos e quase nenhum dia nos separamos. A noite, planejamos visitas inesperadas a longínquas paragens de serras envoltas pela neblina ou a portos tropicais da United Fruit.

Os guatemaltecos não tinham direito a falar e nenhum deles conversava de política diante do outro. As paredes ouviam e delatavam. Em algumas ocasiões, parávamos o carro no alto de uma meseta e ali, bem seguros de que não havia ninguém atrás de uma árvore, tratávamos avidamente da situação.

Magia e mistério

As absurdas pretensões "racistas" de algumas nações sul-americanas, produtos elas mesmas de múltiplos cruzamentos e mestiçagens, é uma tara de tipo colonial. Querem montar um palanque onde uns tantos esnobes, escrupulosamente brancos, ou brancuços, apresentem-se em sociedade, gerenciando para os arianos puros ou os



JORGE AMADO



SIQUEIROS



ASTURIAS



turistas sofisticados.

Acabei por me cansar e num dia qualquer renunciei para sempre ao meu posto de consul-geral.

Ademais, me dei conta de que o mundo mexicano, reprimido, violento e nacionalista, envolto por sua cortesia pré-colombiana, continuaria tal como era sem minha presença nem meu testemunho. Quando decidi regressar ao meu país, compreendia menos a vida mexicana que quando cheguei ao México. As artes e as letras se produziam em círculos rivais, mas aí daquele que de fora tomasse partido a favor ou contra alguém ou algum grupo: uns e outros caíam-lhe em cima.

Tudo podia acontecer, tudo acontecia. O único jornal da oposição era subvencionado pelo governo. Era a democracia mais ditatorial que se pode conceber. O presidente era um imperador azteca, mil vezes mais intocável que a família real da Inglaterra. Nenhum periódico, nem de brincadeira nem a sério, podia criticar o excelso funcionário sem receber de imediato um golpe mortífero.

MACCHU PICCHU

O ministério se apressou em aceitar o fim voluntário de minha carreira.

Meu suicídio diplomático me proporcionou a maior alegria: a de poder regressar ao Chile. Penso que o homem deve viver em sua pátria, e creio que o deslocamento dos seres humanos é uma frustração que de alguma maneira ou outra entorpece a claridade da alma.

Parei no Peru e subi até as ruínas de Macchu Picchu. Fomos a cavalo. Naquela época não havia automóvel. Do alto, vi as antigas construções de pedra rodeadas pelos altíssimos cumes dos Alpes verdes. Da cidadela carcomida e roída pelo passo dos séculos despençavam torrentes. Massas de neblina branca se levantavam desde o rio Wilcamayo. Me senti infinitamente pequeno no centro daquele umbigo de pedra; umbigo de um mundo desabitado, orgulhoso e eminente, a quem de algum modo eu pertencia. Senti que minhas próprias mãos haviam trabalhado ali em alguma etapa longínqua, cavando sulcos, alisando penhascos.

Pampa Salitreira

Durante muitos anos, as empresas salitreiras instituíram verdadeiros domínios, senhorios ou reinos no pampa.

Os ingleses, os alemães, toda sorte de invasores fecharam os territórios da produção e lhes deram o nome de escritórios. Ali impuseram uma moeda própria; impediram qualquer reunião; proscreveram os partidos e a imprensa popular. Não se podia entrar nos recintos sem autorização especial, que por certo muito poucos conseguiam.

Estive uma tarde conversando com os operários nas oficinas salitreiras de Maria Helena. O solo do enorme galpão está sempre encharcado de água, do azeite e dos ácidos. Os dirigentes sindicais que me acompanhavam e eu, pisávamos sobre um estrado que nos ilhava do barro.

— Esses estrados — me disseram — nos custaram 15 greves sucessivas, oito anos de petições e sete mortos.

O último se deve a que numa dessas greves a polícia da companhia le-

vou sete dirigentes. Os guardas iam a cavalo, enquanto os operários, amarrados a uma corda os seguiam. Foram assassinados com algumas descargas. Seus corpos ficaram estendidos sob o sol e o frio do deserto, até que foram encontrados e enterrados por seus companheiros.

Anteriormente as coisas foram muito piores.

Senador

Até o Senado dificilmente chegavam as amarguras que eu e meus companheiros representávamos. Aquela cômoda sala parlamentar estava como que acolhoada para que não repercutisse nela o vozerio das multidões descontentes. Meus colegas do lado contrário eram mestres acadêmicos na arte das grandes alocações patrióticas, e debaixo de toda essa tapeçaria de seda falsa que desenrolavam, senti-me afogado.

Renovou-se a esperança, porque um dos candidatos à presidência, Gonzáles Videla, jurou fazer justiça, e sua eloquência ativa lhe atraiu grande simpatia. Ganhou por grande maioria de votos. Mas os presidentes em nossa América criolla (colonial? — n. t.) sofrem muitas vezes uma metamorfose extraordinária. No caso que estou contando, rapidamente mudou de amigos o novo mandatário, vinculou sua família com a "aristocracia" e pouco a pouco se converteu de demagogo em magnata.

Meus discursos se tornaram violentos e a sala do Senado estava sempre cheia para me escutar. Logo se pediu e se obteve minha cassação e se ordenou a polícia minha detenção.

Mudava de casa quase diariamente. Em todos os lados se abria uma porta para me proteger. Era sempre gente desconhecida que de alguma maneira tinha demonstrado seu desejo de me cobijar por vários dias. Me pediam como asilado nem que fosse por umas horas ou umas semanas. Passei por campos, portos, cidades, acampamentos, como também por casas de camponeses, de engenheiros, de advogados, de marinheiros, de médicos, de mineiros. Há um velho tema da poesia folclórica que se repete em todos os nossos países. Trata-se do **corpo repartido**. O cantor popular supõe que tem seus pés num lugar, seus rins noutro, e descreve todo seu organismo que deixou espalhado por campos e cidades. Assim eu me senti naqueles dias.

Astúrias, em Paris e com passaporte

Naturalmente que minha maior preocupação, depois da fuga e da chegada a Buenos Aires, foi arranjar uma nova identidade. Os papéis falsos que serviram para cruzar a fronteira argentina não seriam igualmente utilizáveis se pretendia fazer uma viagem transatlântica e deslocar-me pela Europa. Como obter outros? Enquanto isso, a polícia argentina, avisada pelo governo do Chile, me procurava afoitamente.

Em tais apertos, lembrei-me de uma coisa que dormia em minha memória. O novelista Miguel Angel Astúrias, meu velho amigo centro-americano, achava-se provavelmente em Buenos Aires, desempenhando um cargo diplomático de seu país, Guatemala. Tínhamos uma vaga semelhança fisionômica. Veio me ver em meu esconderijo.

— Companheiro — lhe disse — Emprésteme teu passaporte. Conceda-me o prazer de chegar à Europa transformado em Miguel Angel Astúrias.

Devo dizer que Astúrias sempre foi um liberal, bem alheio da política militante. No entanto, não duvidou um instante. Em poucos dias, entre "senhor Astúrias por aqui" e "Senhor Astúrias por ali", cruzei o largo rio que separa a Argentina do Uruguai, entrei em Montevideu, atravessei aeroportos e vigilâncias policiais e cheguei finalmente em Paris, disfarçado de grande novelista guatemalteco.

Conseguir novos papéis não foi tão difícil. Aragon e Paul Eluard me ajudavam. Enquanto isso, tinha que viver em situação semiclandestina. Entre as casas que me abrigaram estava a de Madame Françoise Giroux. Nunca esquecerei essa dama tão original e inteligente. Seu apartamento ficava no Palais Royal, vizinho ao de Colette. Tinha adotado um menino vietnamita. O exército francês se encarregou numa época da tarefa que depois assumiram os norte-americanos: a de matar gente inocente nas longínquas terras do Vietnã. Então ela adotou um menino.

Recordo que nessa c a havia um Picasso dos mais bonitos que já vi. Num daqueles dias veio o próprio Picasso visitar-me no esconderijo. Levei-o junto a seu quadro, pintado havia tantos anos. Tinha-o esquecido por completo. Decidiu-se a examiná-lo com seriedade, submergido nessa atenção extraordinária e algo melancólica que poucas vezes mostrava. Esteve mais de 10 minutos em silêncio, aproximando-se e distanciando-se de sua obra esquecida.

— Cada vez eu gosto mais — disse-lhe quando concluiu sua meditação — Picasso virou de novo a cabeça para o quadro, fixou a olhada na tela magnífica, e respondeu:

— Não está mal.

Ceilão Reencontrado

Uma causa universal, a luta contra a morte atômica, me fazia voltar de novo a Colombo.

Regresso, muito tempo depois, a esta impressionante reunião de paz a que aderiu o governo do país. Reparo a presença de numerosos e às vezes centenários monjes budistas, agrupados, vestidos com suas túnicas de açafrão, desaparecidos na seriedade e na meditação que caracterizam os discípulos de Buda. Lutando contra e guerra, a destruição e a morte, esses sacerdotes afirmam os antigos sentimentos de paz e harmonia que predicara o príncipe Sidarta Gautama, chamado também Buda. Que longe — penso — de assumir essa conduta está a Igreja de nossos países americanos, igreja de tipo espanhol, oficial e beligerante.

Segunda visita à China

Desse Congresso da Paz em Colombo, voamos através da Índia com Jorge Amado e Zélia, sua mulher. Os aviões hindus viajavam sempre repletos de passageiros enturbantados, cheios de cores. Parecia impossível meter tanta gente num avião.

Durante toda a travessia do Yang-Tsé, Jorge Amado me pareceu nervoso e melancólico. A verdade é que as revelações sobre a época stalinista ha-

viam quebrantado alguma mola no fundo do novelista brasileiro. Somos velhos amigos, compartilhamos anos de desterro, sempre nos tínhamos identificado numa convicção e numa esperança comuns. Mas eu acredito ter sido um sectário de menor quantia; minha própria natureza e o temperamento de meu próprio país me inclinavam a um entendimento com os outros. Jorge, pelo contrário, sempre tinha sido rígido.

Mas parece ter começado ali, a bordo daquele barco, entre os desfileiros fabulosos do rio Yang-Tsé, uma etapa diferente de sua vida. Desde então ficou mais tranquilo, foi muito mais sóbrio em suas atitudes e em suas declarações. Não creio que tivesse perdido sua fé revolucionária, mas se reconcentrou mais em sua obra e tirou dela o caráter político direto que a tinha caracterizado.

O mais longo contato que eu mantive com um líder cardinal do mundo socialista foi durante nossa visita a Pequim. Consistiu num brinde que troquei com Mao Tsé-tung, no decorrer de uma cerimônia. Ao bater de nossos copos, me olhou com olhos sorridentes, e largo sorriso entre simpático e irônico. Mantive minha mão na sua, apertando-a por uns segundos mais que o costume. Logo regressel à mesa de onde havíamos saído.

Che

O Che era moreno, pausado no falar, com indubitável acento argentino. Era um homem para conversar devagar, no pampa, entre mate e mate. Suas frases eram curtas e terminavam com um sorriso, como se deixasse no ar o comentário.

Alguma coisa me disse Che que me desorientou bastante, mas que talvez explique em parte seu destino. Falávamos de uma possível invasão norte-americana a Cuba. Eu tinha visto pelas ruas de Havana sacos de areia distribuídos em pontos estratégicos. Ele disse subitamente:

— A guerra... A guerra... Sempre estamos contra a guerra, mas quando a fizemos não podemos viver sem a guerra. A todo momento queremos voltar para ela.

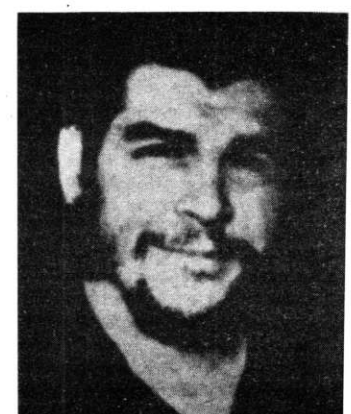
Refletia em voz alta e para mim. Eu o escutei com sincero espanto. Para mim, a guerra é uma ameaça e não um destino.



PAUL ELUARD



MAO



CHE

Baixa Sociedade

Percival de Souza

A VOLTA, COM TUDO

Seu Guedes está de volta, desde dezembro, ao imenso "hotel" da avenida Cruzeiro do Sul, a cidade-presídio (5.400 hóspedes), mais conhecida por Casa de Detenção.

Meu considerado Luiz Philippe, até então diretor, enquanto seu Guedes tentava sua cadeirinha na Assembléia (deu crepe), retirou-se de vez, um tanto quanto putibundo, mas certo de que será muito bem aproveitado, quando março vier.

Seu Guedes retornou meio arara, e pôs prá quebrar. Para começo de conversa, o Lótar, um imenso negão (porém com cérebro de galináceo) foi transferido do Jaraguá (pav. 2) para fundão — pav. 9. Foi juntar-se ao Serjão, que estava numa boa, mas arrombou uma gaveta um dia, com a ajuda do Lótar, para surrupiar um bocado de canabissativa.

Além disso, seu Guedes acertou o passo de um gepê que estava a fim de introduzir erva desbaratinada em vela. Um mau passo para um funcionário com 15 anos de serviço.

Fora disso, houve um boxixo de pinote. Mas meu considerado Guedes, que não brinca em serviço, duvida que qualquer coisa nesse sentido tenha êxito. "É que eu", explica o considerado, "tenho uma rede de alcaguetagem que vou te contar..." Não é a toa que a tal rede é conhecida por Gestapo.

Enquanto isso, meu considerado Philippe decidiu afastar-se de vez das lides carcerárias. Fomos ver um jogo de futebol, no Pacaembu, um dia desses. Entre um e outro saquinho de pipoca, o ex-chefeão do casarão da Cruzeiro do Sul queixava-se do W. Nogueira, o paspanata que, infelizmente, está por cima (hierarquicamente) dos babados relativos a xilindrós paulistas. De fato, W. Nogueira está mais por fora que umbigo no Xingu.

"MENINAS" EM PÂNICO

Um misterioso pinta que foi visto algumas vezes pilotando uma vasta Mercedes vermelha está fritando os seres desmunhecantes da cidade. O tal cara da Mercedes nem esperou a colaboração de S. Pedro para puxar quatro prontuários, colocando em pânico a bicharada paulistana. Meus considerados sherloques do 3.º DP estão por cima do lance, com meu xará e o Ulisses à frente. Com uma paciência de Jó, meus considerados homens da lei esperam chegar ao cara da Mercedes, por enquanto considerado apenas uma peça muito estranha, que somente Freud poderia explicar.

RATO SE MANDA

Pois é, quem diria que o Zeca, aquele rato que foi um tempão da Capturas, iria dar uma des-sa? Pois é, o Zeca arranjou um sutil Puma lilás e com esse veículo atacava as indefesas moçoilas da Zona Sul. Máquina em punho, o rato obrigava as meninas a entrar no veículo lilás, faturando-as em seguida. Deu azar, foi reconhecido e o meretíssimo Rama, do Palácio de Têmis, canetou-lhe a vida. O rato preferiu escafeder-se para lugar incerto e não sabido, do que ficar marcando bobeira e ir tomar café de canequinha no hotel de seu Guedes...

MILTON SIFU

O Milton R. dormiu de touca: foi fazer um programa com a Heleninha, jovem bem dotada que gosta de jantar no Gígeto. Subiu e, ao chegar no apeteó da moça, topou com um cafetão de subúrbio, que engrossou o caldo. O pior é que a moça, na hora agá, ficou do lado do explorador, e sacou 5 técos de 22 prá cima do Milton R. O dito, que tempos atrás gostava de andar por aí dando panca de sherloque, foi parar no chamado nosocômio. A Heleninha, que transa no "Zodiaco", está puxando corda no no 4.º DP. E embora eu não cruze muito com o Milton, deixo seu sobrenome por "R." mesmo. Razão: Milton é cascata de assalto prá cima de sua perplexa cara-metade.

GALINHA NA PENITA

Meu considerado Galinha foi removido da Detenção para a Penitenciária. E o pior é que meus considerados da Penita me bateram que o Galinha está chateado comigo, dizendo que eu teria influenciado para essa remoção. Que é isso Galinha? Onde você está com a cabeça? Isso é boxixo da oposição. Não se esqueça nunca que você faz parte do rol dos considerados. A propósito, uma dica: aquela 45 que lhe tomaram no Fórum, quando você, muito animus exaltandi, estava a fim de fritar um rato pilantra, está com um oficial dos capas pretas do Tribunal de Nuremberg de Têmis. Mas, como você tem mais uns 13 anos para puxar, não faz mal, né?

FESTAO EM SANTO AMARO

Uns caras que bem poderiam ser meus chapas, não fosse suas constantes desmunhecadas, pro-

moveram aquela festa numa mansão da zona sul, com lago e tudo. Os convivas só poderiam ser personas gratas. E, embora eu já tenha quebrado galhos e pepinos de meio mundo da fauna jotateana, entrei no rol dos podados — isto é, persona non grata.

A festa teve lances tragi-cômicos. Nego pouco sutil querendo cantar uma jovem jambo; bebum caindo no lago; jovem correndo desesperado, perguntando onde estaria o clã dos fumetas (dica: 281 dá de 1 a 4 anos de estágio ad galleran).

Lá pelas tantas, o anfitrião revelou-se como excelente leitor de mãos. De repente, foram-se filas para ler as mãos. Um campinildo curtiu meia hora de fila. Ai, o vidente olhou os risquinhos e, com olhar de extrema malícia, confidenciou: "casamento próximo..." O jovem deu um estarecido "oh!!!" e quase caiu duro. Sei que muita gente está de butuca, ansiosa pelas revelações da coluna. Mas paremos aqui — estava tudo muito "argh". Bola preta! Aos que vetaram o meu humilde nome, lembro apenas que o mundo gira, até as pedras se encontram. Aguardem a volta!

KISS TOP-TOP

O moço, com sobrenome de beijo inglês, tinha um programa sherlocal na PRB-9. Mas, muito malandro, quis valer-se das ondas hertzianas para faturar indevidamente. Assim é que resolveu dar um bcte em cima de uma firma de carangos, cuja tem como data vênica o Hélio, aquele truta. Como dois bichudos não se beijam, o ser radiofônico tentou forçar a barra, inventando uma tentativa de homicídio. Pegou um berro e deu uns tiros contra a porta de seu próprio carro. Depois, veio com um grupo: queriam fritá-lo. A estória não colou, mesmo porque não havia ângulo de tiro. Positivou-se a fajutice e a PRB-9 deu um pontapé glúteo prá cima do moço, que anda mais sujo do que pau de galinheiro...

GAVIÃO JÁ ERA

Gavião, ou Espanhol, tinha domínio de anos na bôca do lixo. Primeiro, vendia proteção ao mulheril; depois passou a mexer com ampolas. Entrou e saiu de cana, até que resolveu desbaratar dando uma de gerente de um curta permanência atrás da Rodoviária. Uns vagaus resolveram fazer uma visita de madrugada ao h.o.; Gavião quis bancar o bom, mas fecharam-lhe o bico com um téco de 38, perto do celebim direito. Descanse em paz.

BENETTI NA FACULDADE

O referido senhor, que esteve 5 anos no hotel de seu Guedes e que agora faz parte da quase alta, prestou vestibular na Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo e entrou. Agora, vai curtir os 4 anos para bacharelar-se e ser um novo data vênica. Parabéns!

Por falar em data vênica, a barra pesou para cima do Toporcov, aquele que vive no hotel de seu Guedes, esperando a chegada dos bondões para oferecer os seus préstimos aos novos hóspedes. Tem nego escabreado prá burro com o data vênica, não sem motivos. E, um dia desses, dois marmanjos resolveram adotar o estilo dos pivetes e deram a maior trombadona em cima de um casal de gringos que veio aqui conhecer a selva de pedra. Um tira ia passando pelo local e, tentando grampear um deles, levou uma canivetada no olho. Os trombadões foram em cana mas... antes de chegarem ao Distrito, adivinhem quem estava lá, à espera, rechonchudinho? O tal Toporcov!

Segundo me contaram os considerados do Distrito (o 1.º), o data vênica chegou lá num Galaxie, dirigido por um truta conhecido por Pintado. O caudídico pulou fora, disse até que foi sherloque até 1969, mas levou o maior esculaço da paróquia do chefeão do DEGRAN e do manda-chuva da Segurança. Inclusive, tem a maior sindicância em cima do data vênica, e os homens da lei estão a fim de acertar-lhe o passo na Ordem dos Causídicos. Vamos ver no que vai dar.

DEODATO FOI-SE

Toda a baixa sociedade ficou de luto com a requisição da capivara do Deodato, o antigo tira de Roubos, único inspetor de carreira paulista. Homem que abotoou muito bandidão bom e que fechou o paletó de muitos outros, acabou indo para o além pelas mãos de uma mulher do Glicério. Embora muita gente, entre a própria ti-

ragem, tivesse bronca do Deodato, a bem da verdade é bom que se reconheça, pelo menos in memoriam, que o negão foi um mestre na Delegacia de Roubos. Eu mesmo vi um dia em que ele chegou a uma casa, onde haviam vários vagaus moçosados, mandando arrebite para tudo quanto é lado. Ele chegou, desceu um vasto veludo no gogó, entrou com tudo e pegou os caras à unha. Além disso, embora mandasse os pilantrões para o xadrez, Deodato se preocupava (pacas) com os filhos dos bandidões. Inclusive, era padrinho de vários deles. Por isso mesmo, era conceituadíssimo no submundo, coisa evidentemente que não é para qualquer um. Como sabia das coisas, claro que teve nego suspirando de alívio com a sua puxada de prontuário. De minha parte, só quero que o negão descanse em paz. Em tempo: os capas-pretas relaxaram o flagra da mulher que o fritou. Quer dizer: aguardará o julgamento em liberdade. O erro do negão talvez tenha sido acreditar que tivesse o corpo fechado. (Não tinha!)

PAQUINHA NO MARACHÁ

O imberbe Paquinha, boyzinho paulistano, tem reunido a sua curriola e ido todas as sextas-feiras aprontar na sessão maldita do Marachá. O jovem, daqueles recém-18 anos e nova motoca, se julga o dono do mundo e foi expulso do cinema, um dia desses. Agora, a turma do 4.º DP está de butuca na turma do Paquinha, que poderá ser até proibido de circular pelas ruas da bôca na madrugada. Lugar de moleque é outro, menino.

Para encerrar: aos interessados em bater um papo (no máximo 5 minutos) de esclarecimento, atendo após a feijoada no ex-Papai da praça Júlio (das 2 às 3 da matina de sábado). As audiências devem ser marcadas com antecedência com meu considerado Catarino, o melhor garçon do pedaço.



INDÚSTRIA DE SONHOS

Texto de Myltainho

Fotos de Sandra Adams e Buquê



A pedido do Ex-, Maria Célia, Lúzia e Solange, operárias paulistas de uma fábrica, escreveram e representaram uma história: Ricardo o patrão, se interessou pela operária que já estava interessada por ele há tempos. Mas a família da moça era contra o romance, argumentando que rapaz rico só gosta de menina pobre para se aproveitar. Mesmo assim a moça resolveu manter o caso, até que um dia surpreendeu Ricardo com sua noiva, uma mulher da alta sociedade, e então percebeu que o amor seria impossível.

Essa era a história original imaginada pelas moças. Mas acontece que...

Faz dois anos que trabalho nesta indústria de plásticos. Mas meu sonho é ser artista de TV

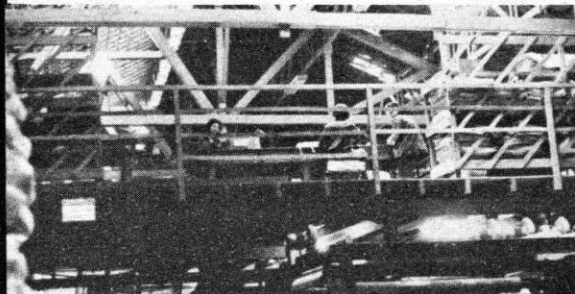


Meu galã preferido é o Marcos Paulo. Achei sensacional a idéia de fazer esta fotonovela.



Nunca fui a um cinema. Ganho 376,00 por mês, tenho quatro irmãos menores e dou quase tudo em casa.

Maria Célia acha que mulher só deve trabalhar fora antes de casar. Nesta indústria, ela não exerce nenhuma função especializada, como a maioria das colegas.



Conforme a história escrita por Maria Célia e suas duas amigas, o patrão chega na hora do almoço.



Ela é apaixonada pelo patrão; ele é "da alta sociedade" e ela é "moça pobre". Mas, como em toda história, as famílias "não aceitam".

As mulheres são mais dóceis, aceitam salários com que um homem jamais se contentaria — diz Eclea Bosi, em "Cultura de Massa e Cultura Popular".



Minha fotonovela favorita é Capricho...



O incidente criado por Maria Célia, para chamar atenção do patrão...



...derrubar a revista no chão, após simular um esbarrão nele...



Nos tempos de crise, recaem os trabalhos pesados sobre o operariado feminino (op. cit.)



Trabalho como homem e ganho bem menos. Isso é injustiça.

Conforme a história que criou, Maria Célia vai comentar com as colegas que conseguiu marcar encontro de amor no escritório do patrão. Elas têm uma hora de almoço, na própria fábrica. Trabalham oito horas por dia, de segunda a sábado. Nenhuma estudou além do primário.

Cantor? Paulo Sérgio! Eu prefiro Roberto



Esta é a amiga de Célia: chama-se Luzia, tem 16 anos e trabalha aqui há um ano. Também ganha 376,00 mensais.



Idéia delas: ir ver vestidos de noivas. "Qual o maior desejo?" — perguntou a repórter às moças. Resposta de Célia: "Ter o homem que eu amo".



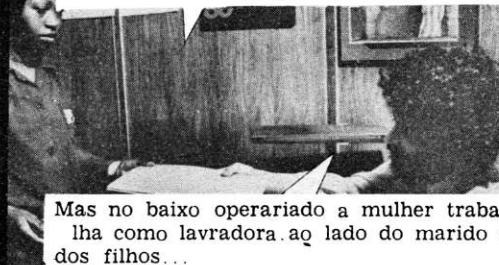
As recém-chegadas do interior são mais dóceis ainda. As dos bairros fabris tradicionais, quando há uma pendência, ficam contra os patrões!



No dia seguinte...

O patrão chama Célia...

Antigamente, serviço especializado era só para os homens. Hoje melhorou, mas aqui na fábrica continua a mesma coisa...



Mas no baixo operariado a mulher trabalha como lavradora aq lado do marido e dos filhos...



Sente-se aí.

Bem, aqui pelo menos a gente ganha o salário no fim do mês. Em compensação, as mulheres são mais desunidas na hora de pedir aumento...

Vindo para a cidade, a mulher acaba trabalhando como operária. Mas sempre acha que seu lugar é em casa, não é?



Maria Célia volta ao trabalho...



...e comenta a história com Luzia.



Estou achando sensacional.

Romântica...

O pai de Célia trabalha em indústria de papel.



...e a aconselha a esquecer.



A noiva do patrão chega...



Em casa, ela e mais dois irmãos ajudam nas despesas.



Solange também ganha o mínimo. Nunca foi ao cinema, nunca leu nenhum livro e sua leitura preferida é Capricho.



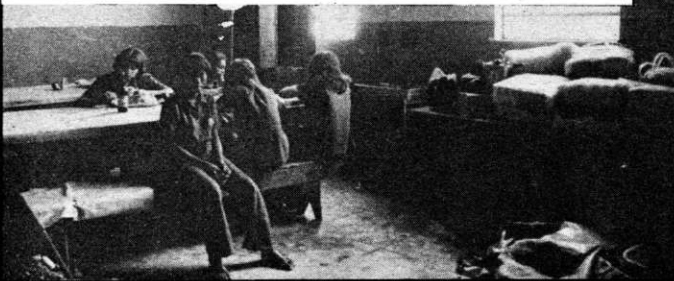
Seu maior desejo? "Casar".



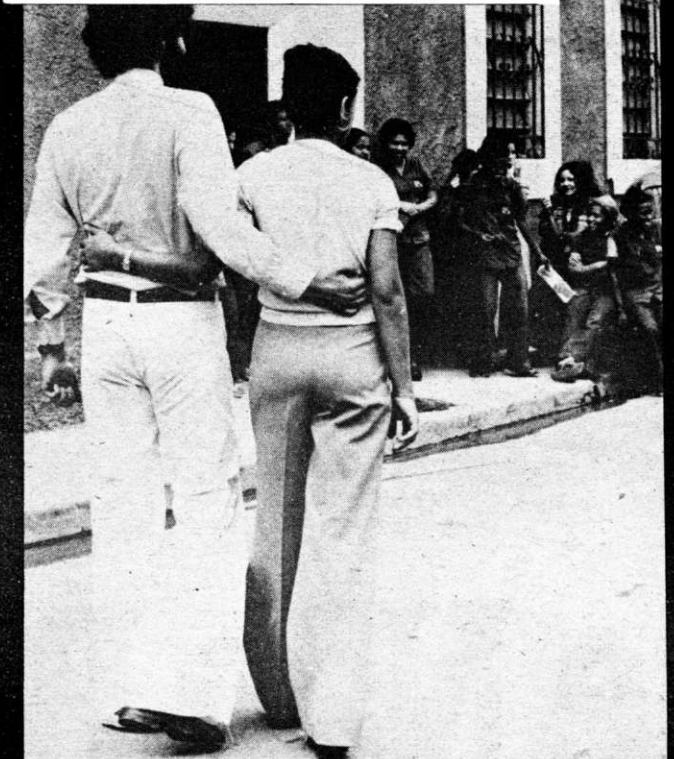
Em casa, só ela e o pai trabalham fora.



Nas horas de folga curto fossa... Nunca li um livro. Jornal? Quase nunca. Não tenho namorado



O papel é desempenhado por Solange Moreira, 16 anos, operária como Célia e Luzia.



Segundo a história, seu pai não aceita o namoro entre a filha e o patrão...



A história tem final triste, segundo Célia...



Solange gostaria de ser manequim. Mas, como quase todas, não gosta de trabalhar fora...



E agora vamos trabalhar pessoal, a foto-novela acabou.





Pouca gente neste país tem a dimensão exata do que significa censura aos meios de comunicação. Vivemos dois períodos particularmente negros: o primeiro no governo de Vargas (1930-45, com destaque para o Estado Novo, 1937-45). Na época de Vargas pontificava um organismo denominado Departamento de Imprensa e Propaganda — DIP —, que cristalizou o processo de cerceamento da liberdade de expressão. É sobre ele que publicamos depoimentos de dois antigos funcionários — Álvaro Vieira e Sampaio Mitke — a Domingos Meireles

Apesar de cometerem erros de informação e não ajudarem muito a reconstituir o funcionamento complexamente burocrático, ou mesmo delinear a função de organismo de mobilização nacional que o DIP teve, os depoimentos valem por serem os primeiros que ex-funcionários dão a jornais. É possível que muitos jornalistas brasileiros de agora, ao lerem estas declarações, conscientizem-se de que, daqui a alguns anos, poderão estar na cadeira de Vieira e Mitke. E é até possível que outros leitores percebam que censura é a arma mais branda de um regime para cercar a liberdade, exercida, basicamente, sobre jornais que às vezes destoam, mas jamais abandonam o coro que eles próprios ajudaram a formar, os que não entram no coro perdem a voz, ou as páginas. Os depoimentos foram publicados no número 23 do jornal da Associação Brasileira de Imprensa, uma entidade que recebeu muitos empréstimos de Vargas e favores do DIP (Sérgio Buarque)

pode Não Pode

“Não adianta esconder ou dissimular a realidade dos fatos. Ela é como determinados agentes microbianos que denunciam a face da doença que se procura encobrir. No Estado Novo, a Censura empenhava-se em negar sempre, com veemência, que as instituições democráticas estavam enfermas. Ocultavam-se os sintomas, com medidas coercitivas, mas as chagas iam aos poucos se alastrando por todo o organismo social. Até mesmo o leigo, com o correr do tempo, já era capaz de diagnosticar o mal diante das mutações provocadas pela própria doença”.

A voz pausada, temperada com leve sotaque mineiro, vai disse-

cando, com a firmeza de um bisturi, o órgão que teve como berço uma sala apertada e mal iluminada, no quarto andar da Chefatura de Polícia do Distrito Federal, e que depois cresceu, em acomodações mais espaçosas, ao se instalar nos salões do Palácio Tiradentes, onde passou a funcionar com o fechamento do Congresso Nacional.

No apartamento acanhado de quarto e sala, em Botafogo, o médico e jornalista aposentado Álvaro Vieira confessa, com uma ponta de remorso, que até hoje não conseguiu se libertar do fardo que carrega, com resignação, por haver servido à Censura, nos primeiros anos da ditadura getulista.

Vieira corre os dedos pelos cabelos invadidos por fios brancos: a testa larga, vincada, acentua ainda mais o constrangimento que o domina sempre que seus pensamentos são assaltados por velhas reminiscências do tempo em que frequentava o prédio cinzento da Rua da Relação.

A chefia de Polícia, naquela época, era exercida pelo ex-Deputado Batista Luzardo, que, após a vitória da revolução de 1930, nomeou Salgado Filho para a 4.ª Delegacia Especializada a fim de que, com a perseverança de um missionário, se empenhasse na organização de um “serviço de censura”. As confessadas ambições políticas de Salgado Filho impedi-

ram a implantação de uma censura prévia a fim de conquistar a simpatia dos donos dos jornais. A censura, portanto, seria posterior e aqueles que não acatassem as suas determinações teriam as edições apreendidas. Naquela época, o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) era ainda uma sigla inocente, quase sem expressão política. A sua sombra só iria erguer-se, alguns anos depois, com o Estado Novo, quando chegaria ameaçadora, às redações de todo o País. Seus funcionários dedicavam-se até então a obrigar donos de bares, restaurantes e mercearias a exibirem o retrato de Getúlio Vargas enfiado em um fraque de tropical inglês, com a faixa

presidencial atravessada no peito.

“Salgado Filho escolheu quatro jornalistas para auxiliá-lo na organização da censura. Um deles entrou há alguns anos para a Academia Brasileira de Letras. Os quatro ficaram como assessores diretos do Salgado e cada um, depois, criou seu próprio staff. Cerca de 20 ou 30 jornalistas foram contratados pela 4.ª Delegacia como censores. O salário era de trezentos mil réis. Eu era estudante de Medicina, trabalhava como redator em A Batalha, o que eu ganhava era uma miséria. Um amigo influente recomendou-me ao Salgado Filho. Ao ser informado do trabalho que me haviam reserva-

do, declinei do convite, mas os companheiros que já haviam sido contratados insistiram para que eu ficasse. Utilizaram um argumento que, naquela época, me convenceu: era melhor que a censura fosse exercida por jornalistas do que por policiais. Fiquei então trabalhando sob a orientação de Ribamar Castelo Branco. Funcionava como uma espécie de contato entre a Censura e a direção de três jornais: *O Globo*, *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*. Se alguma notícia proibida fosse publicada, eu procurava o diretor responsável e lhe transmitia as ameaças e apreensões do Salgado Filho. A censura a posteriori desses jornais era feita diariamente por mim".

As rotativas dos jornais mal começavam a se espreguir e um motociclista da polícia já estava plantado na oficina para recolher a primeira fornada de exemplares, na boca da máquina, a fim de que o noticiário fosse examinado pelos censores, na 4.ª Delegacia, antes de chegar às mãos do leitor.

Naquela época, os jornais não atraíam a atenção do público apenas com a força e o peso das manchetes consentidas, mas também como auxílio de ruídos sibilantes, instaladas nas portas das redações. Sempre que ocorria um fato importante, acionavam-se as sirenas e o público se acotovelava nas calçadas para ler as notícias que muitas vezes não saíam no dia seguinte.

Mas a Censura logo impediu a divulgação de qualquer informação sem o seu conhecimento. A fim de que não houvesse mais dúvidas sobre o que era proibido publicar, fez-se um decálogo distribuído a todos os jornais.

"As proibições eram as mais absurdas. Não se podia falar sobre os porres do Benjamim Vargas e das brigas das famílias ligadas ao Governo. Havia coisas ainda mais ridículas, como a proibição de divulgar um roubo ocorrido em casa do Coronel Juarez Távora. O Juarez tinha sido o grande líder militar da revolução de 1930 e, de acordo com a tica palaciana, esta notícia poderia comprometer a sua imagem de herói lesado por um ladrão comum.

Escândalos administrativos e privados, que envolvessem pessoas da estima do Governo, não podiam

também ser publicados. Os espancamentos frequentes dos adversários reais e imaginários do regime jamais puderam ser registrados pela imprensa. A partir da revolução de 1932 a Censura passou a ser prévia e nos transferimos para as redações dos jornais. Lembro-me de um episódio que quase me levou à prisão. Estava fazendo a censura de *O Jornal* quando o Chateaubriand entrou na redação, eufórico, com uma foto em que o Francisco Campos aparecia à frente de uma legião de camisas-amaras, durante um desfile ocorrido em Minas Gerais. A foto era exclusiva e o Chateaubriand queria publicá-la na primeira página. A notícia estava, entretanto, incluída no *índice* e não podia ser divulgada. O Chateaubriand insistiu, disse que era politicamente importante denunciar o fascismo que já começava a dar seus primeiros passos, desajeitados, entre nós. O "furo" era realmente sensacional e não pensei duas vezes: liberei o texto e a foto. Fui suspenso 15 dias pelo Salgado Filho. Alguns meses depois, com a ascensão do Filinto Mueller, que era um obscuro chefe da guarda noturna, à Chefatura de Polícia, o lugar de Batista Luzardo, o ambiente na Rua da Relação ficou tenso. O Filinto era um homem truculento e arrogante. Seu braço-direito, Lopes Vieira, Delegado de Ordem Política e Social, era a própria imagem do terror. A presença de jornalistas na Chefatura de Polícia, mesmo a serviço da ditadura, passou a ser um incômodo e a Censura foi transferida para o gabinete do Ministro do Interior e Justiça, Agamenon Magalhães. Alguns dos crimes e violências que testemunhamos, quando ainda estávamos na Chefatura, foram atirados anos depois pelo próprio Filinto, na conta de velhos ressentimentos pessoais".

Com o advento do Estado Novo, o DIP adquiriu a prerrogativa de exercer também a censura no plano nacional, depois que seu diretor, Lourival Fontes, cinzelou sua feição totalitária. Alguns jornalistas, como Alvaro Vieira, que não mereciam a confiança da nova ordem, foram dispensados da polícia por Clives Müller Pereira, sobrinho de Filinto e seu dedicado chefe de gabinete.

Ao ser demitido da 4.ª delegacia, Alvaro Vieira foi convidado por

Chateaubriand para escrever uma coluna semanal sobre assuntos médicos em *O Jornal*. Vieira assinou a seção durante cerca de 30 anos até o dia em que o "órgão líder dos Diários Associados" deixou de circular.

"As nações crescem, os povos se desenvolvem e, com o passar do tempo, o bom senso acaba sempre prevalecendo sobre o arbitrio. Muitas verdades que não puderam ser publicadas, naquela época, vieram a público anos depois. A Censura, na verdade, atendia mais aos interesses pessoais dos governantes do que aos sagrados interesses da Nação em nome de quem era sempre aplicada com extremo rigor. A Censura tem apenas um valor episódico, temporal. Não se pode destruir a verdade como quem esmaga um inseto".

O ex-chefe do "Serviço de Controle da Imprensa" do Estado Novo, Sampaio Mitke, fala do alto dos seus 76 anos com a experiência e a intimidade de quem conhece os subterrâneos atapetados do poder que frequentou com assiduidade entre 1938 e 1942. Trinta e dois anos depois, Sampaio Mitke, ex-secretário de redação da Associação Press, exerce agora as funções de gerente-geral dos jornais *O Dia* e *A Notícia*. Sampaio não contém seu entusiasmo diante das lições que a História lhe deu. O porte elegante e vigoroso realça o terno escuro que abriga um corpo ainda jovem para os seus 76 anos. Ao se debruçar agora sobre o passado, ele reconhece a inutilidade da função que exerceu com desvelo.

A voz grave, ligeiramente estridente, vai aos poucos enchendo de recordações a sala espaçosa, forrada por um tapete de *bouclé* que termina sob os sapatos pretos de cromo alemão:

"O meu serviço não exercia a censura prévia. Nós transferimos para os jornais a responsabilidade pela publicação das notícias que desagradavam ao Governo. O trabalho era limpo e eficiente. As sanções que aplicávamos eram muito mais eficazes do que as ameaças da polícia porque eram de natureza econômica. Os jornais dependiam do Governo para a importação do papel linha d'água. As taxas aduaneiras eram elevadas e deveriam ser pagas em 24 horas. E o DIP só isentava de pagamento os jornais que colabo-

ravam com o Governo. Eu ou o Lourival é que ligávamos para a alfândega autorizando a retirada do papel".

O DIP era um verdadeiro super-ministério. Lourival Fontes, modesto funcionário da prefeitura do Distrito Federal, ao ser nomeado para a sua direção-geral lhe deu vida nova e um estigma do qual alguns dos seus mais eficazes colaboradores até hoje não conseguiram se libertar. O prestígio e a força do DIP eram avaliados pela duração das audiências que Lourival Fontes mantinha com Getúlio, todas as quintas-feiras. Nesses dias, ele subia os degraus do Catete com seus auxiliares carregados com pastas de papelão. O nome das diretorias e divisões que integravam o DIP reluzia na capa das pastas em letras douradas.

"As pastas da minha divisão, 'Serviço de Controle de Imprensa', eram sempre de papelão ordinário, com letras desenhadas a tinta. Fazia isso de propósito. Nos relatórios semanais, eu registrava todos os pedidos de censura que haviam sido encaminhados ao órgão. Dizia quem pediu, os motivos alegados e as informações proibidas de serem divulgadas. O Getúlio ficava sabendo de tudo. Havia também alguns pedidos pessoais que eu recusava atender mas que não deixava de incluir no meu relatório. O Estado Novo, como todos os regimes de exceção, necessitava da Censura como o ar que seus governantes respiram. Esses regimes são frágeis, pela sua própria natureza, que sem ela não seriam capazes de sobreviver".

Sampaio Mitke amorteceu, pessoalmente, muitos golpes que teriam atingido e desgastado, irremediavelmente, a imagem do Governo que o DIP tinha por obrigação preservar. Ele hoje é o primeiro a reconhecer que num regime de força todos estão confinados. A maioria dos jornais não ousava desrespeitar as determinações que eram transmitidas, em seu nome, pelo telefone, para as redações do Rio e de São Paulo. Os jornais dos outros Estados recebiam as instruções por telegrafia.

"Só tive problemas com *O Radical*. O Brasil estava em guerra com os países do eixo e seu diretor, o Rodolfo Carvalho, habitualmente desrespeitava a proibição de

não divulgar o afundamento de navios brasileiros. Fui obrigado a mandar apreender várias edições desse jornal. Mas o Rodolfo Carvalho, que era um homem extremamente inteligente, estava sempre brigando com a censura a fim de capitalizar prestígio para *O Radical*. No dia seguinte, o Rio e, depois, o País inteiro comentavam a apreensão do jornal. Alguns anos depois, com a criação dos DEIPs, que passaram a controlar diretamente os jornais nos Estados de origem, o serviço foi ampliado, mas a censura continuou ainda sob o meu controle. O problema mais grave que enfrentei foi o fechamento de *O Estado de S. Paulo*, em 1940, por ordem do Góis Monteiro, que era o Ministro do Exército. Ele ordenou pessoalmente ao Cel. Scarcela Potrela que ocupasse militarmente o jornal. Lembro-me de que cerca de 600 funcionários ficaram desempregados. Foi outra violência inútil, de valor apenas temporal, pois o jornal aí está, outra vez, sólido como uma rocha, na defesa dos ideais democráticos".

Até hoje Sampaio Mitke não conseguiu se libertar do peso de algumas arbitrariedades que asseguram jamais haver cometido. Um de seus vários adversários implacáveis, o articulista Osório Borba, atacou-o durante vários anos após a queda do Estado Novo, através das páginas do *Diário de Notícias*. Osório acusava Sampaio Mitke de ser um fascista convicto, mas o ex-chefe da Censura jamais se preocupou em rebater essas acusações que atribuí a uma vingança pessoal, por cortar alguns dos editoriais que Osório Borba redigia para o *Diário de Notícias*. Durante alguns anos Sampaio Mitke ainda se empenhou em retirar, pacientemente, outras pedras que foram atiradas sobre as suas vitrines.

"Muitas dessas pedras, que recolhi no meu quintal, estão hoje amarradas às costas dos que as atiraram contra mim, durante o Estado Novo; e que hoje atropelam, esquecidos das lições da História, os mesmos valores que defendiam naquele tempo. Sócrates achava preferível ficar sem sol o universo do que privada da liberdade a palavra da República. Não importa que ele tivesse pregado no deserto, pagando com a própria vida a audácia de evangelizar ideais não aceitos pelos dominadores do seu povo".

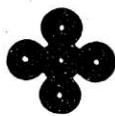
OTHON BASTOS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS
APRESENTA



**CAMINHO
DE VOLTA**
DE CONSUELO DE CASTRO
DIREÇÃO
FERNANDO PEIXOTO



TEATRO ALIANÇA FRANCESA
R. GENERAL JARDIM, 182



FEDERAÇÃO DAS FACULDADES BRAZ CUBAS DE MOGI DAS CRUZES

Concurso Vestibular 1975

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ 20/02/75

DIREITO - CIÊNCIAS ECONÔMICAS E ADMINISTRAÇÃO DE
EMPRESAS - COMUNICAÇÃO SOCIAL
(Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Editoração e Relações Públicas)
FILOSOFIA (Estudos Sociais, Psicologia Clínica, Educacional e Industrial,
Educação Moral e Cívica, Letras, Ciências e Pedagogia) -
LICENCIATURAS ESPECÍFICAS DO 2.º GRAU

DATA E HORÁRIO DAS PROVAS: 23/02/75, às 8 h da manhã

PROVAS:

ÁREA DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO: prova com 50 questões de
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira - ÁREA DE ESTUDOS
SOCIAIS: prova com 50 questões de História e Geografia
e prova com 50 questões de Organização Social e Política do Brasil
ÁREA DE CIÊNCIAS: prova de 50 questões de Matemática,
Física, Química e Biologia

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES:

MOGI DAS CRUZES - R. Francisco Franco, 133 - tels. 4200 a 4204
R. Manoel Caetano, 265 - tels. 2255 e 4218 - Av. Francisco
Rodrigues Filho, 1233 - tels. 4437 e 4438
SÃO PAULO - R. Alvaro de Carvalho, 50 - cj. 2 - tel. 33-3597
SANTO ANDRÉ - R. Cel. Oliveira Lima, 252 - s/ 35 - tel. 444-5800
SANTOS - R. Floriano Peixoto, 20 - s/ 25 - tel. 4-0642
GUARULHOS - R. D. Pedro II, 334 - tel. 209-2072

MASTURBAÇÃO

Pornografia: escritos ou pinturas obscenas para provocar excitação sexual (The Penguin English Dictionary).

Aceito esta definição como apropriada e vou tentar explorar a natureza da "provocação" e a qualidade da "excitação sexual" engendradas pela literatura e pela imaginação pornográficas. Para isso, ofereço um exemplo de escrito pornográfico, tomado ao acaso.

Um homem que nunca vimos, disse aquela amável p..., veio até a casa e propôs uma cerimônia incomum; queria que lhe amarrassem a uma escada. Nós amarramos seus músculos e sua cintura ao terceiro travessão e, levantando seus braços por cima de sua cabeça, amarramos seus punhos ao degrau mais alto. Estava nu. Depois de firmemente amarrado, foi exposto à tunda mais feroz, golpeado com o chicote até que os nós das pontas se desfizeram. Estava nu, repito, e não houve necessidade de por-lhe um dedo em cima, nem ele mesmo se tocou, mas quando terminou de receber esta surra selvagem, seu instrumento monstruoso se elevou como foguete, se mexeu e pendulou entre os travessões da escada e em pouco tempo lançou seu jorro ao meio do quarto. Desamarrado, pagou e foi embora.

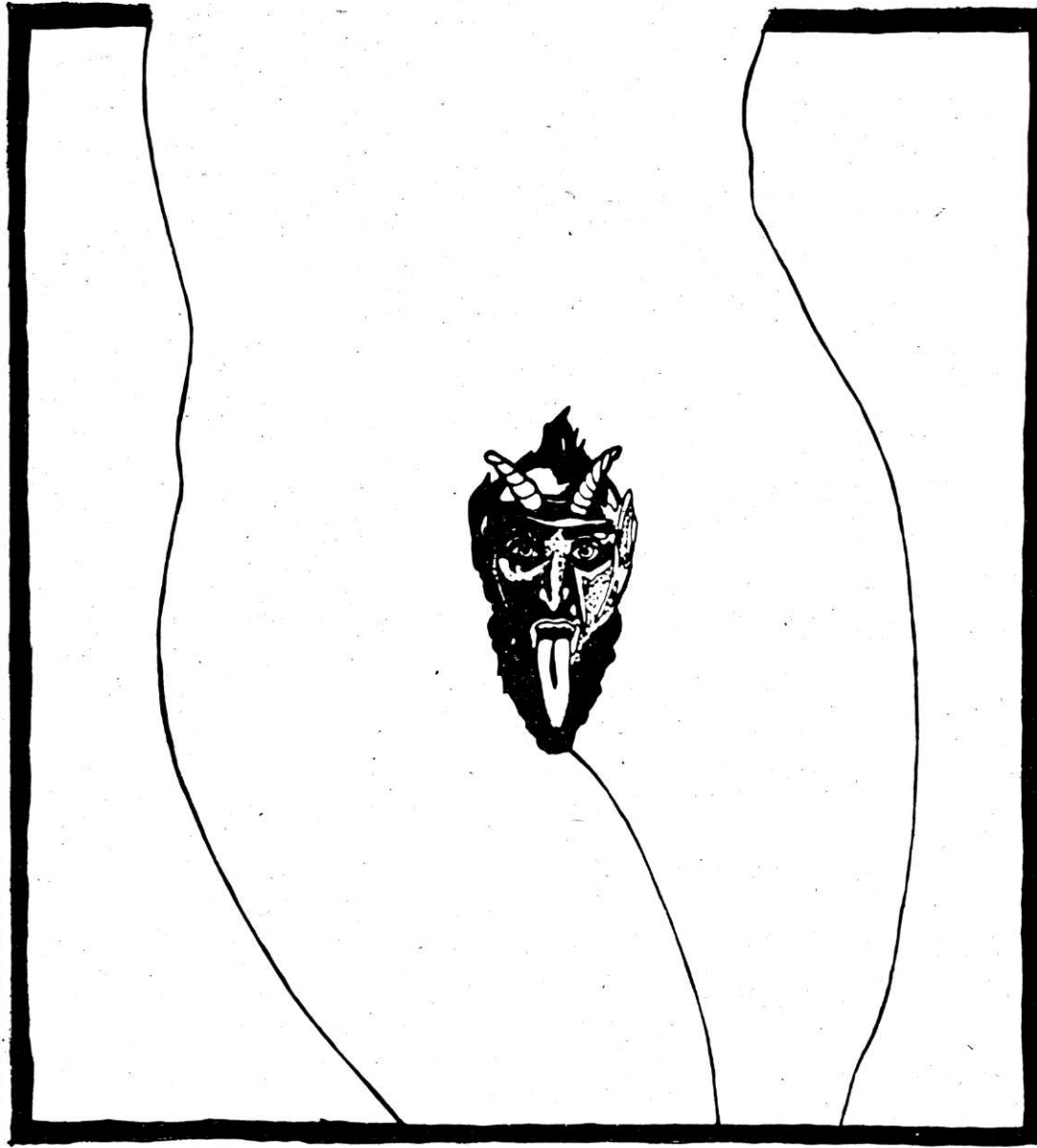
(Sade: Les 120 Journées de Sodome)

O mais rápido exame do caso revela, além de qualquer dúvida, a impossibilidade de sua realização física para uma mulher e um homem. O personagem de Sade, logo depois da surra, não se sente debilitado ou dolorido. E citei um exemplo que para Sade é moderado. Se casos como esse são clamorosamente impossíveis em termos do corpo humano e suas possibilidades, pergunto: de onde extraem esses "eventos somáticos" sua autenticidade e seu poder de estimular sexualmente o leitor? A resposta é: do uso especializado das palavras na pornografia; elas não descrevem vivência humana nenhuma. O absurdo e impossível do caso lhe dá um novo poder, transcende os limites físicos inatos dentro dos quais o corpo humano vive a dor e a excitação.

Este uso especializado das palavras tem outra qualidade: a mentalização do instinto. O que se descreve não são as experiências sexuais espontâneas, mas acontecimentos sintéticos e elaborados, produzidos pela mente através das palavras.

Ainda quando aparentemente acreditamos que as experiências são físicas e concretas, de fato tais casos só podem acontecer na mente e naquele vazio evocativo que é o terreno da pornografia. É esta característica que coloca a pornografia além do domínio da ética e da moral. Ela só pode ser avaliada esteticamente e psicologicamente, não judicial nem etnicamente. Já que a pornografia é exclusivamente um jogo mental pervertido que tem pouco ou nada a ver com as experiências sexuais ordinárias, é necessário estudá-la esteticamente e psicologicamente mais de perto. Raramente a pornografia é litera-

Masud Khan,
editor da Psychoanalytical Library, analisa
textos de Sade e a obra de Genet.



tura. Com os devidos respeito a Apollinaire, Jean Paulhan, Geoffrey Gorer, Georges Bataille e Roland Barthes, ninguém pode reclamar nenhuma virtude para o estilo de Sade. Devemos admitir que o texto de Sade é opressivamente repetitivo e carente de invenção.

É a partir da consideração estética da pornografia que alguém descobre que ela é tão falsa em suas pretensões de ser literatura quanto está longe de ser um veículo de experiências instintivas ampliadas. Os escritores pornográficos tiveram a sorte de encontrar a gritaria histórica dos ultrajados europeus criados nas tradições puritanas. Desse modo perdeu-se a pista do problema. Não é que a pornografia seja imoral, é má literatura, não utiliza a imaginação nem a sensibilidade do leitor, só lhe oferece um mundo limitado de palavras onipotente, com seus falsos climas e orgasmos, frente aos quais o cúmplice pode se excitar.

O pecado original da pornografia — já que a pornografia

se tornou sagrada, alguém deve usar este conceito — é que não é propriamente literatura: sua intenção é deslocar a literatura de seu verdadeiro papel na vida do indivíduo e da cultura. A pornografia nega a imaginação, o estilo e a tradição da luta do homem por usar a linguagem para se conhecer e realizar.

Vejamos agora os aspectos psicológicos da pornografia. Acho que a pornografia aliena seus "cúmplices" — ninguém pode falar de leitores — tanto de seu próprio ser quanto do outro. Não é senão uma mistura mental estéril e alienada. Esta característica me fez afirmar, certa vez, que a pornografia é uma ladra de sonhos.

Nela não há espaço para o sonho nem para as relações. Tudo foi aprisionado com palavras num jogo tirânico e violento com o eu corporal e o outro. Seu tempo é o presente estático e perpétuo... daí sua atmosfera nostálgica.

Anna Freud diagnosticou que a dificuldade essencial nas for-

mações perversas se encontra no pavor de entrega emocional. Pode-se dizer que o problema da pornografia está na incapacidade para a entrega sensual. A passagem de Sade que citei não pode deixar de captar algo parecido com um ataque apoplético.

A pergunta seguinte é: qual é a natureza do afeto que estes eventos somáticos tratam de atualizar, exteriorizar e distribuir (ninguém pode dizer compartilhar)? Minha resposta é:

raiva. A pornografia transmuta a raiva em eventos somáticos e eróticos. Uso intencionalmente a palavra "transmuta" e não "sublima" já que, devido a uso peculiar das palavras nesta literatura, nela não ocorre nada da assimilação e elaboração do afeto da raiva que a sublimação implica. O que faz é arejar a raiva transmutada em eventos corpóreos, mas com a violência da raiva ainda presente. O que na saúde pode viver-se como entrega sensual, na pornografia se torna, mediante eventos violentos,

abjeta submissão. Por isso, Jill Tweedie diz: "O módulo essencial da pornografia é o de uma larga e penosa saga da degradação da mulher". Mas, como vemos no caso de Sade, não só da mulher, também do homem. Genet nos brindou, igualmente, com o estranho espetáculo da degradação, mutilação e submissão violenta.

A capacidade da pornografia para transmutar a raiva latente lhe dá três poderosas funções: subversiva, terapêutica e instrutiva. É subversiva negando a pessoa. O cúmplice/leitor alcança e participa deste tipo de texto só em instâncias muito específicas de estados de despersonalização e dissociação. É terapêutica na medida em que transmuta a ameaça de violência e destruição totais existentes na raiva latente de um indivíduo e de uma cultura numa linguagem dosada e erotizada. De um modo macabro a terapêutica da pornografia consegue aquilo que Freud busca no tratamento psicanalítico. Na pornografia tudo é eu e só o eu, não há ele, não há corpo, não há pessoa. O ele, a pessoa, o corpo, são simplesmente explorados para estabelecer e atualizar a maquinaria de eventos somáticos. Sua função instrutiva está em ensinar os truques ao cúmplice/leitor para que este possa participar de sua particular realidade. E aqui de novo entra o Divino Marquês:

Que as atrocidades, os horrores, os crimes mais odiosos não te assombrem, Eugênia minha, pois o mais sujo, o mais infame, o mais proibido é o que melhor excita o intelecto... é o que nos permite mais delicioso desafogo.

Sade expôs com clara compreensão a ausência do instinto e o papel onipotente do intelecto nestes eventos somáticos.

Este hiper-funcionamento específico do intelecto, quando cria eventos somáticos aprisionados em palavras, não só aliena como isola o cúmplice/leitor, como isola os personagens de obra pornográfica. Geoffrey Gorer, num artigo sobre A Pornografia da Morte, conta este fenômeno de maneira interessante:

Por outro lado a pornografia, a descrição de atividades tabu para produzir a alucinação ou a desilusão, parece que é um fenômeno mais raro. Provavelmente só pode aparecer em sociedades letradas e certamente não temos informações de sua existência em sociedades não-letradas, pois enquanto o gozo da obscenidade é predominantemente social, o gozo da pornografia é predominantemente privado.

Minha proposta é que este requisito de separação, de isolamento, outorga outra função subversiva à pornografia. O fato vulgar é que a pornografia é usada geralmente, senão exclusivamente, para a masturbação.

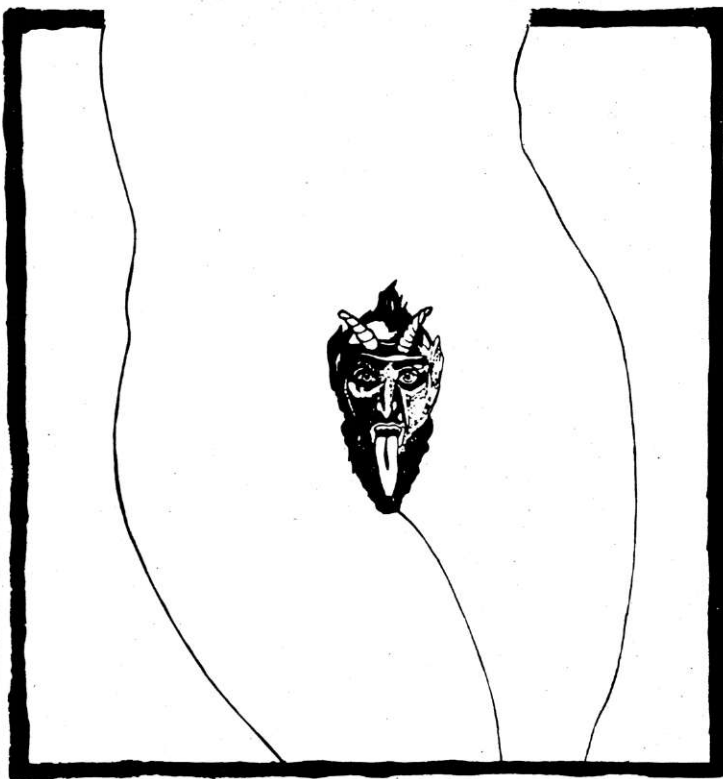
Sartre, em seu estudo Saint Genet — Comedien et martyr — diz, quando discute a função da masturbação na obra de Genet:

Buscando excitação e prazer, Genet começa por envolver-se em suas imagens como um

gambá se envolve em seu cheiro. Estas imagens trazem palavras que as reforçam, frequentemente as imagens permanecem incompletas; as palavras devem completar a obra; as palavras exigem ser pronunciadas e finalmente escritas, o texto provoca e cria a audiência. O narcisismo onanista termina por estancar-se em palavras. Genet escreve num estado de sonho e, para poder consolidar seus sonhos, sonha que escreve; então escreve que sonha e o ato de escrever o desperta. A consciência da palavra é um despertar parcial dentro da fantasia; ele se acorda sem parar de sonhar.

Não estou tão convencido, como Sartre, de que o fenômeno do sonho tenha muito a ver com a obra de Genet. Eu diria o contrário. Todo o fantasiar onanista compulsivo de Genet é uma maneira de compensar sua incapacidade de sonhar e de relacionar-se com o outro. E a pornografia, neste sentido, é uma objetivação destas incapacidades de seus autores. Alguém disso podia, exagerando, dizer que a pornografia não é mais que texto masturbatório.

Se no estético a pornografia carece de imaginação e no psicológico de emoção e relação com o outro — e se no físico é sintomática da ausência de



ímpeto e desejo instintivo espontâneo — então alguém pode defini-la como algo sectariamente preocupado com a busca mental de sensações e que exclui emoções e relações. As palavras são sua única realidade. O problema da pornografia não é estar contra a lei de Deus, mas contra a lei da natureza, pois subverte o progresso do adulto rumo à sua realização pessoal.

Usei o conceito de eventos somáticos e dei duas classes de exemplos deles. Mas alguém precisa examinar melhor isso. Ainda quando pretende ser de natureza sexual, a sexualidade é meramente explorada para expressar violência e raiva, tanto

contra ela mesma como também contra o corpo do outro. Os campeões da pornografia e os autores pornográficos sustentam frequentemente que estão tratando de curar a inibição da experiência instintiva individual, imposta pela sociedade. Afirmando que estão tentando liberar o indivíduo para que sintam mais os seus instintos sexuais. E, no entanto, o que a pornografia consegue é justamente o contrário. Como Sade e Sartre mostram, a mente e a palavra tiram a função natural do instinto na experiência humana, apropriando-se da urgência sexual numa confecção ultra-mental de uma imaginação frequentemente brutal, para

poder estabelecer eventos somáticos que desconhecem a pessoa e o ser das personagens.

Assim, alguém pode ver um tipo de rompimento específico nestes eventos. Primeiro, o impulso sexual instintivo é dissociado de sua natural expressão corporal e de sua satisfação na relação com o outro. Segundo, esta mutilação do desejo sexual é usada então para criar, mediante a linguagem, um tipo específico de violência, uma violência que deve erotizar-se mais para que seja agradável. Mas as coisas continuam sendo as mesmas: negação do ser e do outro. É nesta particular redistribuição dos impulsos instintivos sexuais e agressivos que se encontra a real patologia da pornografia. Substituiu a liberdade e a possibilidade de compartilhar a sexualidade por um ato mental de coerção ao submetimento e humilhação extremos impostos ao eu corporal e ao outro. Neste caso, a pornografia é inerentemente fascista.

Até agora tratei do aspecto negativo da pornografia. Não se pode negar, no entanto, que se levou a cabo, mediante a pornografia, uma revolução cultural desde o Divino Marquês a San Genet. Pelo que sei, ninguém tratou de dar conta disso seriamente. A pornografia é um sintoma de processos específicos da desvitalização do

instinto de uma cultura e um intento de cura de um sintoma. Por isso é que ponho ênfase no terapêutico da pornografia. É necessário agora entender melhor a natureza e o funcionamento do sintoma, de um lado, e o caráter da revolução que a pornografia criou nas culturas européias, de outro.

De nada vale dizer que o sintoma e a revolução serão corrigidos por ação legislativa. Como diz Gorer, a pornografia vem com a leitura e nas décadas recentes os meios de difusão e publicidade mencionaram um vasto vocabulário de imaginação visual e pornográfica.

Todos os pensadores sérios — sejam poetas, psicólogos ou filósofos — deste século se preocuparam com a indiscutível desumanização que afeta a relação do homem consigo mesmo.

Acho que, com a revolução industrial e o surgimento da tecnologia científica nas culturas européias, o homem começou a se considerar não à imagem de Deus nem do homem, mas sim da máquina, que era sua própria invenção. Os textos e a imaginação pornográfica tratam de fazer do corpo humano uma máquina ideal capaz de ser manipulada até produzir um máximo de sensação. Essas sensações são derivadas instintivas, mas de intenção essencialmente agressiva.

UM PAPEL DE RESPONSABILIDADE

A SELECTA RESPONSABILIZA-SE PELO PAPEL QUE VENDE: SÓ TEM DO IMPORTADO. E PELO PREÇO QUE COBRA: 40% MENOS QUE AS OUTRAS LOJAS. POR ISSO, PESSOAS DE MUITA RESPONSABILIDADE DIRIGEM-SE A SELECTA: PUBLICITÁRIOS, ARQUITETOS, ENGENHEIROS, ESTUDANTES.

VEGETAL SCHOELLER, EM ROLOS E FOLHAS MILIMETRADO, UNION-SKIN (BLOCOS), PARASSOL, OPALINE, CARMEN, CARTÕES DE DESENHO SCHOELLER, EM TODOS OS TAMANHOS, FOLHAS CORTADAS OU MARGEADAS, TODOS OS TIPOS DE BLOCOS DE DESENHO NUMERADOS.

DIRIJA-SE A
SELECTA

UMA LOJA PARA UMA CLASSE SELETA
Marquês de Itú, 134 (esq. Bento Freitas) Fone 37-7988

ex-

EX EDITORA
Rua Santo Antônio, 1043.

Aquele texto que o Neil, o Joca, o Washington, o Otoniel, o Palhares não têm tempo de escrever pra você, nós escrevemos.
Aquele lay-out que o Klaus, o Petit, o Zaragoza, o Gabi não podem bolar pra você, porque não aceitam free-lance, nós bolamos.
Aquele reportagem que o Bob Woodward, o Carl Bernstein, o Raimundo Pereira não farão pra você, porque estão viajando, nós fazemos.
Aquele folheto que a DPZ, a Alcântara, a Mauro Salles, infelizmente não aceitam executar pra você, porque a verba é pequena, nós executamos.
Aquele jornalzinho que o Estação, o JB, a Abril não estão aparelhados pra editar pra sua empresa, nós editamos.
Aquele livro seu que a Melhoramentos, a Nova Fronteira, a MacGraw Hill lamentam não publicar, nós publicamos.

leia e assine
CRÍTICA

assine Opinião

ALELUIA EM BELÉM

(1975 anos depois, nasceu no Pará um jornal:

BANDEIRA 3)



As MÁQUINAS LAVAM...VOCÊ VÊ
MAJOR. SERTÓRIO 318-DAS 8 às 24

Filósofo francês recomenda:

MUITO PRAZER

Entrevista com Henri Lefévre

Acha necessário estudar atentamente o Oriente para reconquistar um conhecimento prático sobre o corpo?

HL — Não conheço suficientemente o assunto. O Oriente não me seduz. Procurei compreendê-lo. É muito mais difícil do que se pensa. Não basta fazer alguns gestos e posturas para compreender o zen e o ioga.

O Oriente não cultiva a abstração ocidental em relação ao corpo, embora tenha vivido momentos de ascetismo; percebe o corpo de uma maneira muito mais concreta que nós: em sua riqueza interna. A escrita por ideogramas tem lá um papel determinante: os caracteres são obras de arte, quadros ou poemas. O discurso lógico não se separa da arte, ao contrário do logos ocidental.

Não quero dizer que devemos negar o pensamento ocidental. Não é necessário excluir o racional, o cérebro. Por exemplo, não escolho entre cérebro e sexo. É uma mutilação, é preciso manter os dois, impedir que fiquemos só com o cérebro. Claro, os **signos do não-corpo** relacionam-se com o funcionamento autônomo do cérebro, com a intelectualidade, com o cerebral. Mas não concordo em valorizar exclusivamente o sexual. A imagem do acéfalo, o ser humano sem cérebro, que encontramos às vezes como ilustração dos textos de Bataille, me desagradam particularmente.

Você vê manifestar-se historicamente esse retorno ao corpo?

HL — Numa certa medida, muito desastrosamente, com muito desvio. Há numerosas filosofias do não-corpo, que passam por filosofias do corpo. Estou pensando nesse culto persistente e renovador da natureza. Identifica-se a natureza ao corpo. Muita gente se agarra nisso, no fato de que a natureza está ameaçada de destruição. Mas não aborda verdadeiramente o problema, o corpo como fonte de alegria. O trabalho que devemos empreender é a seleção.

A afirmação do corpo não deve ser feita sem uma verdadeira exploração do corpo, sem disciplinas do corpo, das quais o esporte só representa a paródia e a caricatura. É necessário constituir uma cultura, uma pedagogia do corpo. Não sei se é possível. É preciso acabar com muitas ilusões. Acredita-se muitas vezes estar cultivando o corpo atra-

vés das imagens do corpo, que são sua negação. O visual é o signo do não-corpo. O "phallus", representação do corpo em imagem e em objeto, define o contrário do corpo. O que eu proponho, enfim, é uma filosofia dionisiaca.

Percebemos, em certas disciplinas e pesquisas contemporâneas, indícios de uma "volta ao corpo". Não queremos negar a existência de uma brecha aberta pelo marxismo, e depois pela psicanálise, num saber ocidental estupidamente racionalista e seguro de si. Mas não seria tempo de criticá-las por sua insistência exclusiva sobre a cabeça e seu desprezo pelo corpo?

HL — Entre os contemporâneos, quem melhor falou sobre o corpo foi o poeta mexicano Octávio Paz. No conjunto das filosofias, das metafísicas, das ideologias, ele distingue os **signos do corpo** dos **signos do não-corpo**. Com razão, ele acusa o materialismo marxista de estar cheio de signos do **não-corpo**. Não basta falar da matéria para falar do corpo. Pelo contrário, fazemos do corpo um objeto, um fragmento da matéria inerte.

O corpo é um conjunto de ritmos. Em vez de psicanálise, prefiro a ritmanálise, a análise de todos os ritmos que atravessam o corpo: os ritmos de vida, do dia e da noite, de minha fadiga e atividade, ritmos individuais, biológicos ou cósmicos. Por ritmos cósmicos, entendo os ritmos do ano, por exemplo, ou outros que ainda não conhecemos, todos os grandes ciclos.

A psicanálise rompe esse conjunto, divide-o em tópicos; em regiões, o aqui, o super-ego, o sobre-mim. Ela desmembra uma unidade extremamente complexa. Octávio Paz coloca Marx e Freud entre os portadores de signos de não-corpo.

Marx e Freud monopolizaram a atenção dos revolucionários ocidentais durante muito tempo. Um retorno ao corpo também implica num retorno a Nietzsche?

HL — Foi quem primeiro atacou a tradição judaico-cristã. Ele mostrou que o corpo era um dos grandes enigmas da existência que precisava ser decifrado. Crítica o caráter mecanicista e ascético do materialismo, mesmo o materialismo dialético de Marx. É necessário trazer de volta a poesia. Considero o pensamento de Nietzsche muito mais rico do que muitos que vieram

depois. Já encontramos nele uma teoria do desejo, vinculada ao pensamento de Reich e Bataille.

Nietzsche foi muito pouco compreendido em sua época, pelo menos na França, onde só lhe deram atenção escritores reacionários como Montherlant. Descreveram-no como teórico da autoridade, quase como um cantor do Estado, coisa que ele foi muito pouco. A noção de "desejo de dominação" provocou numerosos mal entendidos. Nietzsche combate a vontade de dominar. E diz simplesmente que, dentro da metamorfose, da grande luta contra o nihilismo (ou seja, principalmente a tradição cristã), deve crescer a vontade de viver, a afirmação da vida, um grande **sim** dito ao corpo e à existência. Ele disse isso poeticamente, não através de conceitos, mas por palavras que proclamam e acendem a imaginação.

É necessário recolocar Nietzsche dentro das correntes do pensamento moderno, ao lado de Marx e, numa certa medida, de Freud, Reich ou Heidegger, uma grande constelação dentro da qual temos que encontrar as verdadeiras relações. Seria um erro ver em Reich o artesão de um "Freud-marxismo", e não temos nada para fazer com um "Marx-nietzscheanismo", um "Nietzsche-budismo" ou o diabo. Todos contribuem para um desenvolvimento, cada um acentuando determinado aspecto. Marx falou da ação e revelou o mecanismo de nossa sociedade. Nietzsche fala da alegria e do sofrimento, e tenta definir uma nova civilização.

Na França, sempre que se fala de Reich, pensa-se em seus primeiros trabalhos dentro do movimento comunista. Ignora-se, deforma-se ou se calunia os últimos anos nos Estados Unidos, o Reich da "orgone therapy". Foi esse Reich que realizou uma pesquisa essencial sobre o corpo.

HL — Vocês têm razão — defendo o Reich dos últimos anos. Há uma energética do corpo que Reich e Bataille exploraram. Nietzsche também tinha pressentido qualquer coisa assim. O corpo não é uma máquina de desejo. É uma máquina dupla: de um lado recebe as informações pelos sentidos, de outro acumula energia, alimenta-se. O corpo guarda o excesso de energia num compartimento inútil que produz o prazer: não existe prazer sem

esta expansão. A contribuição de Bataille está aí: ele procurou utilizar essa parte do excesso de energia — parte maldita — que no ser humano e na sociedade é consumida a qualquer custo. Se não for queimada na criação, ela explode numa violência destrutiva.

Contra os que propõem um retorno ao corpo e uma afirmação da vida existem muitas correntes pessimistas: a noção do instinto de morte em psicanálise, um certo existencialismo e as reflexões sobre a angústia.

HL — O instinto de morte é um achado duvidoso da psicanálise. Reich o rejeitou e foi aí que rompeu com o freudianismo. Desde que se dê uma chance para o instinto de morte, ele ataca e invalida todo o resto. A gente se consome em meditações sobre a morte, flerta com a angústia, como o existencialismo, que pegou isso do cristianismo. Guardel de Nietzsche, desde minha adolescência, a idéia do triunfo da vida, que se encontra também em Spinoza. Sou a favor da afirmação da vida, a despeito de tudo. É aborrecido demais morrer sem nunca ter ouvido falar disso. Tem pessoas que me parecem cachorros uivando à morte, e eu acho isso horrível.

Você acha que o conflito tende aos poucos a se decidir para um ou para outro lado, ou que há ciclos?

HL — Certamente o conflito funciona por ciclos. Octávio Paz distingue nas filosofias da Ásia fases de depressão, de niilismo, de pessimismo e de puritanismo. Na Europa, o século XIII foi um período muito bonito, o Renascimento um momento grandioso, embora muito cedo quebrado pelas guerras de religião e pela grande crise européia. O século XVIII projeta também belas luzes. Em compensação, tenho horror do século XVII e toda a cultura francesa repousa sobre ele.

Caimos hoje numa enorme onda de pessimismo e niilismo. As idéias patinam numa espécie de lodaçal: não se sabe qual é o lugar do humanismo, fala-se do desejo... Percebo isso pelos escritos de meus alunos. É uma grande mistificação. Só se fala de desejo quando não se deseja mais. Muita gente nem chega mais ao pessimismo, contenta-se em ficar vagamente nauseada. A ameaça de hoje está no tédio. E, pessoalmente, ainda prefiro a angústia ao tédio.



MEZURER LE MUR

JORNAL DO ÍNDIO UGH

Ano 1 - número 2.

A malcheirosa aventura na terra do urubu

Como o cineasta branco Gustavo Dahl, tentando ensinar poupança aos índios, estragou uma bela perna de paca.

Depoimento a Marcos Faerman.

Ou os brancos são superiores aos índios ou os índios são superiores aos brancos. Essa é a nítida impressão que o índio dá: não é muito possível uma relação de igualdade. Pensei nisso quando estava no interior do Maranhão, numa aldeia Urubu, aculturada há muito tempo, para filmar Uirá. Mesmo assim havia muito índio por lá.

Um dia apareceu a mulher do chefe da aldeia, trazendo um menino de quatro anos de idade, com um abcesso na cabeça causado por berne. Berne é uma coisa que a gente está acostumado a ver em bicho. Mas tinha muito, era realmente uma coisa horrível, e fedida.

No primeiro dia não tive coragem nem de chegar perto. De longe joguei água oxigenada em cima e disse "passa amanhã". Ai, no dia seguinte, me lembrei do filme do Rossellini sobre São Francisco, e disse: "Não, vamos com calma, que história é essa?" E tinha um amigo meu que trabalhava no filme, fazia o som, o José Antonio Ventura, que curia um pouco essa também... e nós dois começamos a tratar da ferida. A gente não sabia muito também como... não conhecia as técnicas rurais de tratamento da berne... então fomos na persistência: limpeza, desinfecção... tínhamos um estojo sanitário, desses da Johnson, aliás com um tubinho de ipoglós ou de uma pomada dessas. Durante 15 dias ficamos cuidando do menino. Era um problema, porque ele vivia tirando o curativo; quando os vermes, as larvas se sentiam irritadas pela pomada e afloravam no miolo da ferida, a mãe ia cutucar com um graveto. Pegava, removendo mecanicamente a larva. Então, além de tratar, a gente tinha que convencer o indiozinho a não tirar o curativo e a mãe a não mexer na ferida. Hi! O índio fugia, chorava, e todo dia nós fazíamos isso.

Até que, depois de uns 10 dias, começou a haver uma melhora. Uns 20 dias depois, a ferida tinha fechado e eles não ficaram espantados, pois tinham procurado a gente para isso mesmo. Mas, ao mesmo tempo, aquilo confirmava um instantâneo de superioridade técnica. Pelo menos aquela técnica curativa era uma técnica que nós brancos manejávamos melhor. É evidente que você sabe que uma ferida não se cura com um graveto.

Por outro lado acontecia o seguinte: na aldeia a comida é propriedade comum. A farinha é trabalhada coletivamente, é distribuída também coletivamente. Quer dizer, ainda que você seja velho, criança, inválido, louco, vagabundo, você passa a cuia de farinha e ganha mesmo que você não tenha trabalhado. Ou seja: a coletividade garante um mínimo de sobrevivência material para todos.

Imagine bem, na civilização ocidental, a liberação que não daria, por exemplo, os filhos não dependendo dos pais, as mulheres não dependendo dos homens... a liberação mental.

Além disso, tem a relação com a carne: a caça também é distribuída coletivamente, dentro de um regime de trocas de gentilezas alimentares. Então, se você ontem me deu uma perna de paca, eu te dou um meio-cachorro, pois sei que amanhã... quebro o seu galho, você quebra o meu. É uma mistura de interesses, gentilezas, é uma coisa realmente galante. Parece que você está na Provence, Galícia. É uma coisa absolutamente medieval.

Acontece que o índio tem outro relacionamento, completamente diferente, com o alimento que ele detém. É com, digamos assim, acumulação.

Numa aldeia indígena, é claro, não há geladeira. Quando tem comida, eles comem tudo o que tiver. As vezes fazem aquelas festas enormes. Realmente se empapuçavam durante dois dias seguidos. É possível que depois de dois dias tenham de beber, se der, água e farinha. Mas, da mesma maneira que ficam alegres quando têm comida, não ficam tristes quando não têm.

Nós porém tínhamos esse problema de sentir falta de carne, tínhamos problemas com certos hábitos alimentares, de comer feijão com carne, ou, dizendo assim, compor um prato com hidrato de carbono, proteínas. Isso são dados já muito fortes da nossa cultura.

Levi Strauss está aí para isso mesmo, para mostrar como se dão muitas bandeiras nessas coisas. Me lembro de um dia em que nós ganhamos duas pernas de paca e meio cachorro. Passara por lá um grande caçador, Urucutu. Ele tinha caçado três pacas. Sei que, por uma dessas contingências, havia muita carne na

aldeia nessa época. Ai nós, contentíssimos, íamos preparar tudo, quando alguém pensou:

"Pô, a gente tá com tanta carne e amanhã não vai ter nada... nós podíamos guardar uma carne de paca".

Imagina, pô, uma perna de paca ou um tatu... ontem não tinha nada, então é uma festa.

E, além disso, é o princípio da poupança. Isso passa a acontecer. Então, no dia seguinte filmamos e penduramos a perna de paca bem no alto, para a gente não comer. No outro dia filmamos as nossas coisas.

Quer dizer, o dia foi meio atribulado. No terceiro dia, quando amanheceu, eu não piquei a tal carne de paca porque o assado (olha, por exemplo, como hoje é diferente), os índios quando pegavam a carne, cortavam em pedaços de bife e assavam rápido, tostavam ao fogo e comiam. Nós botávamos o pernil inteiro e ficávamos rodando ele três horas pro assado ficar mais saboroso. Tínhamos um rapaz que era assistente e cenógrafo, que é um amigo meu italiano, um grande cozinheiro.

Ele aprendeu a assar no Veneto. E, de repente, quando ele se encostou diante daquela posta maravilhosa de uma perna de paca, você imagina que aconteceu... e nós entramos numa de assados.

Acontece que, na manhã seguinte, de repente, vi um índio passando pelo nosso tesouro, pela nossa perna de paca, olhando e fazendo um sinal no nariz com o dedo. Ai eu disse: "Pô, mas que esse índio safado quer aqui?" Ai eu pergunto:

"Que que há?" O índio: "tá bom não". Eu respondo: "como é que não tá bom, rapaz, você está é com inveja". "Não, não, não, assim caboclo não gosta não". De repente alguém ficou com medo — "pô, mas será que realmente estragou a nossa perna de paca?" Então nós fomos lá e quando pegamos a perna de paca, vimos que estava estragada, que estava fedendo. Daí fiquei com aquela perna de paca estragada na mão, porque não tinha o que guardar no dia seguinte. Fiquei com medo da fome no dia seguinte. Então guardei a perna de paca, que nesse momento não dava mais pra comer. Ai peguei e tive de ter a coragem de me desfazer da perna de paca, que em aldeia de índio serve de comida durante um dia para duas pessoas.

É uma barra um pouco mais pesada do que na cidade. Você vê realmente a estupidez de jogar fora uma perna de paca, num lugar que poderia servir de alimento a duas famílias, porque você quis guardar, ficou com medo de não ter comida no dia seguinte. Eu tive então uma sensação muito estranha. Saquei o bode da civilização ocidental: o medo da morte.

Realmente, sem ele... a morte faz parte da vida. Tem comida a gente come, fica alegre, né? Não há essa tal de propriedade privada, a acumulação. De repente você tem uns lances um pouco profundos na medida de tempo, porque esse

negócio de alimentação comunitária, que eu saiba, é uma transa de 20 mil anos atrás. Essa moçada segurou economicamente este nível de organização social durante alguns 19 mil e não sei quantos anos.

Agora, realmente, eu digo: o espaço da civilização branca é muito grande e há falta de recursos. Num lugar onde tem caça você introduz a espingarda e muda o equilíbrio ecológico. Você não tem mais capacidade de sobreviver com arco e flecha, você passa a ter necessidade da espingarda...

Aqui, Tupi

A maioria do povo brasileiro pensa que todos os índios são iguais e falam a mesma língua. É um erro tão grosseiro quanto comparar um latino a um anglo-saxão e achar que o francês e o russo "são iguais". Outro erro é pensar que todos falam o "tupi-guarani", combinação que, a rigor, não existe; tupi é uma língua e guarani outra: apesar de parecidas, distanciam-se como o português do espanhol. Hoje, os especialistas que estudam as línguas indígenas estabelecem quatro grandes troncos: Tupi, Jê, Caribe e Aruak. Sendo todas elas línguas orais (ou alguém pensa que índio sabe escrever?), é o Tupi o de maior tradição escrita, que começou com os missionários (Anchieta, Nóbrega) elaborando gramáticas para melhor ensinar o português aos índios e assim catequizá-los, isto é, abrir caminho ao colonizador.

Como de costume, não é uma organização brasileira que estuda os troncos linguísticos e dialetos falados por nossos índios, mas sim uma norte-americana, o Summer Institute of Linguistic, que, apesar das origens, faz um bom trabalho de documentação e reconstrução de línguas que já desapareceram. Centenas delas foram sepultadas com os últimos remanescentes das tribos, outras substituídas pelo português. Esse risco o tupi não corre. Mas, quem sabe falar tupi? No Brasil civilizado, talvez cinco pessoas que são consideradas excêntricas; ninguém se importa em falar português, uma língua européia que nada tem a ver com a gente, assim como ninguém se preocupa em balbuciar algumas palavras do idioma que era falado na costa brasileira, do Rio até o Maranhão, e hoje está desaparecendo junto com os índios desse tronco. Decidimos, por isso, publicar um curso da língua tupi, elaborado pelo padre Lemos Barbosa, e satisfazer o desejo do major Policarpo Quaresma, o personagem de Lima Barreto que sonhava vê-lo adotado como língua oficial.

LIÇÃO 1

As Consoantes

Nosso alfabeto será o seguinte — a, b (d), e, (g), h, i, j, k, m, n, nh, o, p, r, s, t, u, x, y, y. O s soa como o nosso ç e não como z. O r é sempre brando, mesmo no início da palavra. Ex. roy =

frio. O x é pronunciado como xadrez. O h é aspirado e só aparece em três ou quatro palavras. O g não é pronunciado com som de j, mesmo antes de e, i ou y. O m e o n nasalizam as vogais vizinhas, mas devem ser articulados claramente, embora no fim da palavra. Ex.: a-sem, Py-seem.

GRUPOS CONSONANTAIS

Além do nh, só há mb, nd, ng. No princípio da palavra, não se fazem acompanhar de vogais. Ex. nd' o-ú-i (não o comem); mbaé (coisa).

O d no princípio da palavra é sempre precedido de n, mas pode-se pronunciar só o n, sem o d. Ex.: de ou nde (pronuncia-se nde ou ne, nunca de) = tu. Também o g comporta o n; Ex.: gatu (pronuncia-se ngatu) = bom, bem.

VOGAIS

Y tem som peculiar, obtido ao se abrir os lábios como para pronunciar i, mas tentando pronunciar u. As demais vogais têm som padrão e não se distinguem e e o fechados de abertos. Além disso, todas as vogais podem ser nasais: â, ê, i, ô, û, ý.

SEMIVOGAIS

Há três: î, ÿ, ý. Foneticamente, assemelham-se e correspondem às vogais i, u e y, mas formam ditongo com a vogal que antecede ou que se segue. Ex.: aî, eû, aî, êî, îî (pron. áu, éu, íu, áié, ii).

DITONGOS

Crescentes: a vogal vem antes da semivogal. Oraís: aî, eîm, oî, úî, yî, aû, eû, iû, oû, uû, m yû. Nasais: mî, aî, êî, îî, oî, uî, ýî, aû, eû, iû, m, oû, uû, ýû.

Obs. Muitas vezes esses ditongos são compostos de dois elementos semanticamente distintos — e por isso se escrevem separados por hífen (ú-u, e-u), mas pronunciam-se numa só emissão de voz.

Descrescentes: a vogal vem depois da semivogal. Oraís: îa, êa, îo, uê, uî, etc. Nasais: îa, êa, uî, etc.

HIATO

Quando se encontram duas vogais, dá entre as duas um hiato. Devem ser separadas na pronúncia. Exemplos contrapostos:

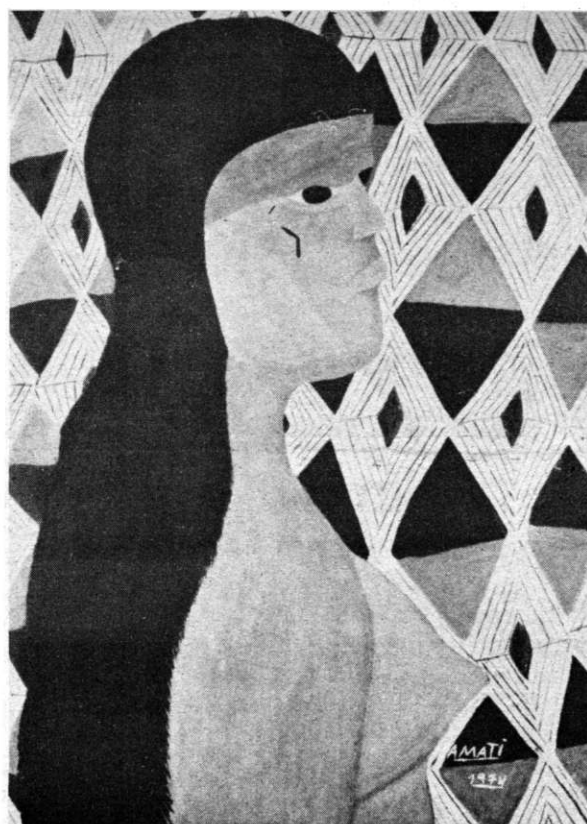
Português	Tupi
Faraó	ʼaoba (a — oba)
caí	paí (pa — i)
Macaé	mbaé (mba — é)

Os hiatos se distinguem, na escrita, dos ditongos e tritongos, porque estes incluem sempre uma semivogal ê, û, ou ý.

Exercício:
a-é = digo
a-i = diz
akang-fera = caveira
potiá = peito
moema = mentira
apýaba = macho
mo-pû-ara = o que toca
gû-ara = o que come
ikó aib = viver mal
s-upiá = ovo
karaiba = homem branco
uí = farinha

(Lembre-se: o hífen não deve ser considerado na pronúncia).

Nos próximos números: Acento, Metaplasmos, Substantivos, Gêneros e Números. Compre o Pequeno Vocabulário Tupi-Português para, brevemente, poder traduzir os textos que publicaremos.



Índio exilado em São Paulo pinta e conta a história do Parque do Xingu

O PINTOR AMATI

Amati é um Trumai de quase 30 anos, os 15 primeiros vividos sem nenhum contato com brancos. Seu mundo era o Xingu: as andanças com o pai, cacique da tribo, convidado, com as honrarias tradicionais, para homenagear os mortos do Quarup, mostrar boa pontaria no Jawarê e tocar o Jacui, a flauta sagrada dos chefes.

Um dia veio o sarampo e a vida da tribo mudou. Ele não sabe muito bem quem chegou primeiro, se foi o branco ou o sarampo; só lembra que seu corpo começou a esquentar, ficou vermelho sem usar urucu, e teve que ir para a rede, a cabeça girando, girando, girando, até parar. Quando ela voltou a funcionar e ele acordou, foi um susto de louco que nem a pajelança podia entender: o verde do Xingu tinha ficado todo branco, as estrelas estavam presas ao teto, bem perto da cabeça, e a mulher toda de branco, que vinha na sua direção, falava uma língua nova, incompreensível.

vel, Amati se encolheu, chorou muito, chamou seu pai e não apareceu ninguém. O tempo conseguiu acalmá-lo e trouxe muitas novidades.

Sua saúde melhorou. Ele já sabia muitas palavras da língua nova e acabou conhecendo pessoalmente o Orlando. Já ouvira falar nele, na sua região. Amati já estava se acostumando com o hospital da Ilha do Governador, quando recebeu alta e voltou para o Xingu. Sua chegada foi confusa. Ficou entre pular de alegria ou chorar a morte de mais da metade da tribo. O sarampo havia obrigado sua tribo a mudar do Guaianum para o Amoni.

Nessa nova aldeia ficou sabendo que o Orlando, logo que recebeu a notícia da epidemia, levou os doentes para o posto do SPI (o atual posto Leonardo Villasboas) para serem medicados até a doença desaparecer da região.

Dizem que a vida no Xingu volta à calma muito rapidamente. As tribos da região, os kamaiurás, os kalapajós, acabaram se esquecendo do

sarampo, das rixas e aos poucos foram se aproximando do posto. Os Suiás até pararam de brigar com os Trumai por causa do urucu e das mulheres. Nessa época, Amati (que já estava morando e trabalhando com Orlando, no posto) conversou com seu pai e a tribo mudou-se para mais perto também.

O contato com Orlando transformou Amati. Um dia teve que parar de trabalhar porque sentiu uma dor forte no joelho. Aconselhado pelo pai a procurar um pajé, Amati relutou. É que ele não acreditava mais em pajés e feitiçarias.

“É gozado. Quando eu era mais moço, queria ser pajé. Queria ser pajé, participar do ritual, fumando tabaco e maconha e fazer tantas outras coisas, saber dos mistérios. Mas meu pai não gostou porque eu gostava muito de mulher.”

Mas a dor aumentou, ficou insuportável. Então, apareceu um médico, que contou para ele que sua dor não tinha nada de espiritual. Explicou-lhe que a pajelança

não adiantaria nada e a única saída para seu caso era o hospital da cidade. Amati pegou suas coisas, e veio de novo. O tratamento era sério: a tentativa de vencer uma doença dolorosa, o reumatismo, que deformava e paralisava o índio aos poucos.

Foi em 68, no hospital, que Amati começou a pintar, desenhar, com o guache que ganhou de presente. Primeiro eram uns rabiscos, depois, quando pegou jeito no pincel, começou a reproduzir as cenas de sua terra: bichos, cores da mata, rostos de guerreiros amigos, o mundo que estava longe: a selva.

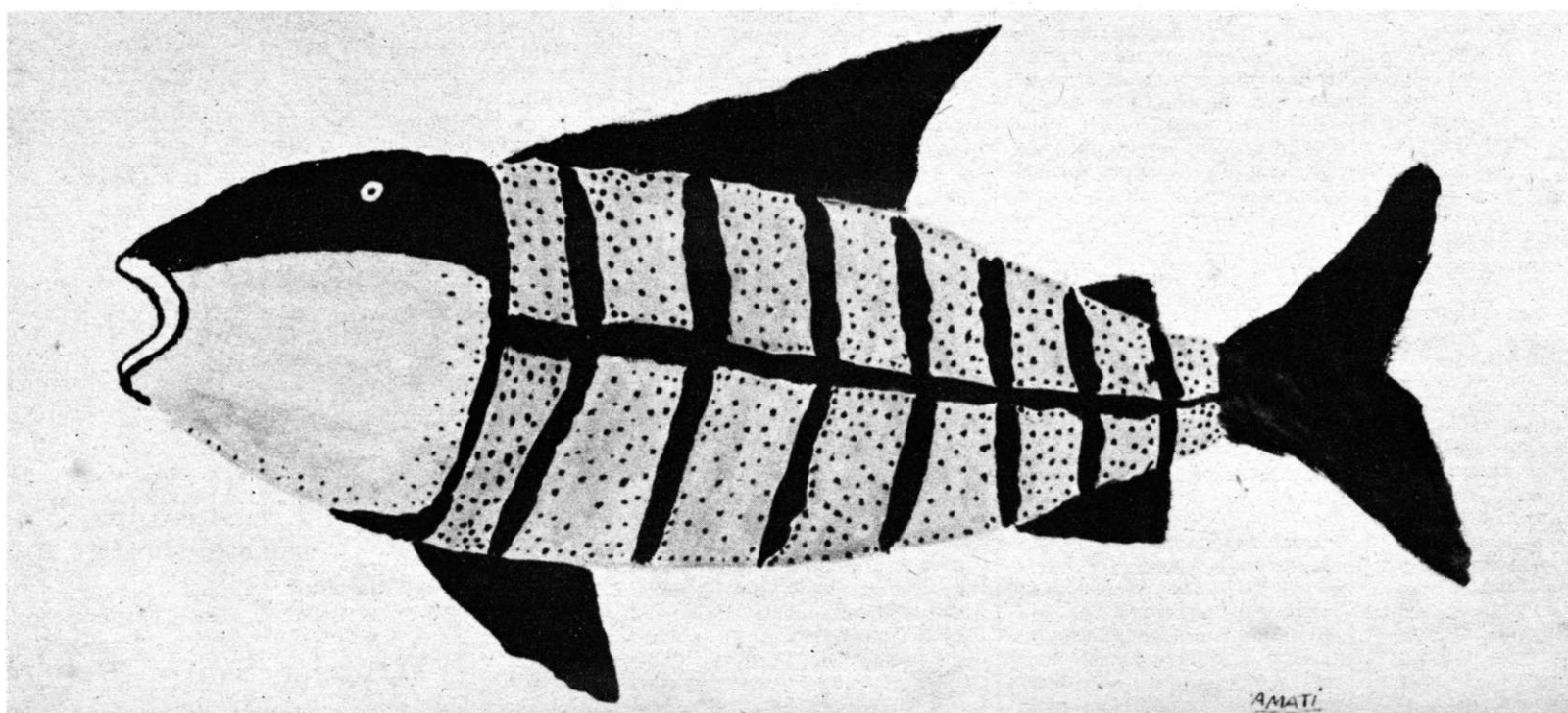
Amati pôde caminhar de novo. Voltou para o Xingu, meio estranho. Como é que branco vive na cidade? Perguntaram seus pais. E Amati caladão. O que é que você fazia lá, Amati? E Amati nada. Só queria saber de deitar na rede e dormir.

Com o tempo aconteceu o inevitável. A doença evoluiu muito e ele voltou para a cidade, para tentar mais uma vez a cura. Suas pernas pararam definitivamente. Ele

só se locomove em cadeira de rodas empurrada por alguém e suas mãos estão deformadas. Faz tempo que não desenha, mas conseguiu, através do Orlando, fazer uma exposição dos seus desenhos no Clube dos Promotores Públicos. Ele gostou muito da exposição. Só achou estranho ter que cortar o cabelo bem curtinho e vestir terno para mostrar suas obras. Mas valeu a pena.

Hoje, Amati pode ser encontrado na enfermaria n.º 2, da Santa Casa de Misericórdia do Jaçanã, SP, aguardando a hora de rever o Xingu. Ele está lá, na sua cadeira, quase todos os dias tendo que explicar pacientemente para os outros doentes que o chamam de “bugre, animal, essas coisas” que “nós, índios, não somos de matar os outros por causa de dinheiro. Nós matamos sempre para defender o lugar. Quando vocês ouvem essas coisas da Transamazônica, vocês falam assim. Mas acho que vocês não compreendem mesmo”.

Dácio Nitrini



Contos Filosóficos

Uma Dupla de Homossexuais

O masoquista: Caio a teus pés, faz-me sofrer de verdade hoje mais do que nunca, o máximo que possas.

O sádico: Não!

O masoquista: Obrigado.

O Real e o Imaginário

Um pai e uma mãe centauros contemplam seu filho, que brinca numa praia mediterrânea. O seu pai se volta para a mãe e pergunta: devemos dizer-lhe que é apenas um mito?

A Morte

Um mandarim chinês propôs uma vez ao governador de uma província esta medida que não se tardou a adotar. No momento em que a vítima devia colocar a cabeça sobre o cesto para que o carrasco pudesse cortá-la, um cavaleiro chegava a todo galope e gritava: Alto! O Senhor indultou o condenado à morte! E nesse instante de euforia suprema, o carrasco cortava a cabeça do feliz mortal.

O Ser

Um sábio chinês passeia com seu discípulo. Atravessam uma ponte. Qual é a essência da ponte?, pergunta o aprendiz de filósofo.

Seu mestre o olha e com um empurrão joga-o no rio.

As Vozes do Silêncio

A energia atômica encadeada se desencadeou finalmente e destruiu toda a vida humana no planeta. Apenas um habitante de um arranha-céu de Chicago se salvou. Depois de ter comido e bebido o que havia na sua geladeira, lido, visto e ouvido sua biblioteca ideal, seu museu imaginário e sua discoteca real, desesperado por não se ver morrer, decide suprimir-se e se atira ao vazio do 40.º andar. No momento em que passa pelo primeiro andar ouve tocar o telefone.

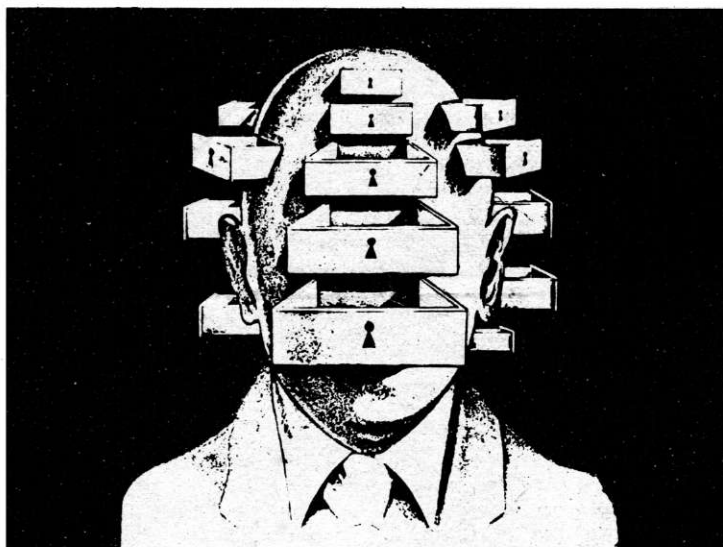
Kostas Axelos

—x—x—x—x—

O Tesouro da Juventude

As crianças são mal agradecidas por natureza, coisa compreensível pois não fazem mais que imitar seus amados pais; assim, os que agora voltam da escola, apertam um botão e se sentam para ver a telenovela do dia, sem que lhes ocorra pensar um só instante nessa maravilha tecnológica que representa a televisão. Por isso não será inútil insistir ante os parvos na história do progresso científico, aproveitando a pri-

GAVETA LITERÁRIA



meira ocasião favorável, digamos a passagem de um estrepitoso avião a jato, a fim de mostrar aos jovens os admiráveis resultados do esforço humano. O exemplo do "jet" é uma das melhores provas. Qualquer um sabe, ainda sem haver viajado neles, o que representam os aviões modernos: velocidade, silêncio na cabina, estabilidade, rádio. Mas a ciência é por antonomásia uma busca sem fim, e os "jets" não demoraram a ficar atrás, superados por novas e mais portentosas mostras do engenho humano. Com todas suas inovações esses aviões tinham numerosas vantagens, até o dia em que foram substituídos por aviões a hélice. Esta conquista representou um importante progresso, pois ao voar a pouca velocidade e altura o piloto tinha maiores possibilidades de fixar o rumo e efetuar em boas condições de segurança as manobras de decolagem e aterrissagem. No entanto, os técnicos continuaram trabalhando em busca de novos meios de comunicação ainda mais adiantados, e assim deram a conhecer, em breve intervalo, dois descobrimentos capitais: nos referimos ao barco a vapor e ao trem. Pela primeira vez, e graças a eles, se obteve a conquista extraordinária de viajar a nível da terra, com a inestimável margem de segurança que isso representava.

te, a evolução destas técnicas, começando pela navegação marítima. O perigo dos incêndios, tão frequente em alto mar, incitou os engenheiros a encontrar um sistema mais seguro: assim foram aparecendo a navegação a vela e mais tarde (embora a cronologia não seja segura) o remo como meio mais adiantado para impulsionar as naves.

Este progresso era considerável, mas os naufrágios se repetiam de tempo em tempo por razões diversas, até que as inovações técnicas proporcionaram um método seguro e aperfeiçoado para deslocar-se na água. Nos referimos naturalmente à natação, além da qual não parece haver progresso possível, embora a ciência seja pródiga de surpresas.

Quanto aos trens, suas vantagens eram evidentes em relação aos aviões, mas foram superados pelas diligências, veículos que não contaminavam o ar com a fumaça do petróleo e do carvão, e que permitiam admirar as belezas das paisa-

gens e o vigor dos cavalos de tiro. A bicicleta, meio de transporte altamente científico, se coloca historicamente entre a diligência e o trem, sem que se possa definir exatamente o momento de sua aparição. Sabe-se, por outro lado, e isso constitui o último elo do progresso humano, que o incômodo inegável das diligências aguçou o engenho humano a tal ponto que não demorou a ser inventado um meio de transporte incomparável, o andar a pé. Andarilhos e nadadores constituem assim o coroamento da pirâmide científica, como se pode comprovar em qualquer praia quando se vê os passeantes da represa que por sua vez observam embevecidos as evoluções dos banhistas. Talvez seja por isso que haja tanta gente nas praias, pois os progressos da técnica, embora ignorados por muitas crianças, acabam sendo aclamados por toda humanidade, sobretudo na época de férias pagas.

Julio Cortázar

—x—x—x—x—

LOUVADO SEJA O SENHOR DE TUDO

A gravidez de dona Djil Carmina, aos 84 anos de idade, não foi nenhuma surpresa, nenhum escândalo, pois neste Paraíso em que moramos, a vida será perpetuada até o final dos séculos. E acho desnecessário explicar mais. Todos vocês sabem quem somos, todos os jornais e revistas já falaram de nós. Com fotos.

Eu dizia que não houve escândalo na gravidez de dona Djil Carmina. Isto é, na gravidez em si. Biologicamente, era um lugar-comum. Mas as circunstâncias — ah, as circunstâncias! — foram efetivamente misteriosas, para não dizer espúrias. Nós, que não temos nada mesmo que fazer, andando por essas montanhas de gesso e respirando o ar rarefeito que nos mantém lúcidos e viris até o Fim do Mundo, não podíamos deixar passar um caso desses sem muito cochiço e maledicência. É que dona Djil Carmina sempre morou sozinha no seu iglu. E é, so-

bretudo, porque dona Djil, ao longo dos seus 84 anos, sempre demonstrou uma estranha preferência pelos Divinos, os Anjos e Potestados que habitualmente nos visitam. Rufino, Eleôncio e Maravins, Anjos, e Cleonildo e Bavallera, Potestados, viviam a organizar festinhas (eles chamavam de tertúlias!) no iglu de dona Djil, e a portas fechadas! Se isso poderia ser chamado de um escândalo, todos nós, ultra-liberais, diria até permissivos, fingíamos não ouvir os arrufos, gritinhos, tilitar de copos, ruflar de asas, e as risadas de dona Djil, acompanhadas quase sempre de uma frase intrigante, berrada (prazer? dor?) de cinco em cinco minutos:

— O Senhor das Divindades! Fazei crescer no pelado!

Para Etenildo Bonsil, o Profeta, a frase traía-se por si mesma: segundo ele, as festinhas de dona Djil não passavam de sessões espíritas onde o Senhor de Tudo era invocado para criar sexo nos Anjos e Potestados. Cansadas dos prazeres mentais, as Divindades, influenciadas por dona Djil Carmina (no fundo uma mulher ardente, inconformada com as limitações deste mundo) não só concordavam com as inovações, como agiam no céu, em moto próprio, através do tráfico de influências junto aos Querubins e serafins seus amigos.

Todos nós acreditamos na hipótese formulada por Etenildo Bonsil, o Profeta. Tudo parecia tão claro! Restavam outras explicações, mas essas não ousamos especular, sobre os gritinhos, as asas ruflando, os copos batendo, ruídos típicos de bacanais.

E a vida foi correndo assim, durante muito tempo, nós a andar pelas montanhas ou a brincar com os nossos tetrânetos, colhendo nosso alimento como os patriarcas vêm fazendo há milênios.

Mas, no meu caso (e acho que muita gente pensava comigo, só não falava por medo ou respeito a um profeta como Etenildo), a dúvida atormentava. Prazer: seria esse o único motivo que levava dona Djil Carmina a querer implantar sexo nos Anjos? Não haveria, por trás de tudo, uma terrível conspiração política que pudesse, inclusive, atingir a nossa

imortalidade? Bem. Os que duvidavam não foram, pelo menos, pegados de surpresa pela Grande Revelação.

Foi o próprio Etenildo Bonsil, em suas pesquisas nas cavernas da Ala Norte, que descobriu o pergaminho e veio correndo pelas montanhas, às quedas, gritando "descobri! descobri!", na maior agonia, provocando uma reunião de todo o povo aterrorizado na praça principal. Etenildo chegou e, arfando, subiu no coreto. Estava emocionadíssimo:

— Achei o Diário de Caim na Caverna dos Três Ursos!

O povo não podia abrir a boca, de susto. O povo pedia, só com as expressões do rosto, que ele dissesse tudo. E ele:

— Está escrito aqui! Aqui! Uma mulher da nossa raça conceberá de um Anjo; e o fruto dessa união será chamado de O Messias. Ele trará, como filho do Senhor feito homem, a Verdade e a luz da vida...

— E qual a Verdade? Qual é a Verdade? — a multidão se refez do susto, mas estava desesperada.

— Aqui não diz não — quase chorava Etenildo —, mas posso adiantar que dos meus próprios estudos, conclui que o Messias nos tornará mortais e que seremos perseguidos até o final dos séculos...

O povo, sem perguntar mais nada, correu até o iglu de dona Djil Carmina. Cada um levou uma arma, pedaço de pau, pedra, vassoura.

— Sai daí, mulher! Sai daí, mulher!

O povo não precisou gritar muito. Dona Djil Carmina abriu a portinhola do iglu, ao lado de um Anjo que não conhecíamos. Estava linda, toda de azul, na sua gravidez bem avançada. Dona Djil parecia até mais moça com uns 70/75 anos. Com a voz sua que nunca teve, voz celestial, ela apresentou o Anjo à multidão terrorificada:

— Este é o Taludiano, gente. O pai da criança.

Taludiano cumprimentou a todos com um gesto de cabeça e puxou sua espada de fogo para deixar claro que nos mataria se déssemos um passo à frente.

Depois, foi essa danação que todo mundo sabe.

Fernando Portela

PROCESSO

Foi você, seu filho.
(soa um tapa, voa uma pata)
Seu pai, sua mãe, seu amigo.
(e o fio corre para a tomada)

Foi você, seu cão.
(a mão no interruptor)
Sua namorada, seu irmão.
(o murro, o urro ininterrupto)

Foi você, seu mal-dito, foi seu sangue vermelho. (água, sal, o mergulho no tanque)

Foi você, sua mão, seu olho, sua unha, seu dente, seu corpo, seu pulso sem impulso, seu lábio roxo, seu coração sem ação,
seu morto.

Otoniel Santos Pereira

CAMBA DE ADONIRAN

Edinilton Lampião

Há uns oito meses, Cartola me disse, em sua casinha ao lado da quadra da Escola de Samba de Mangueira, no Rio de Janeiro, que sambista hoje em dia não liga para a letra, "tudo avacalhado". Fiquei curioso. O que é "ligar para letra"? É um cara como Adoniran Barbosa?

Cartola encostou o violão, limpou os olhos escuros na camiseta e cheguei a pensar que ele não diria nada. Um pigarro, um quase sorriso (hoje em dia Cartola não dá gargalhadas) e o homem que fez "Corra e olhe o céu" começou a meditar sobre o outro que compôs "Progrêssio".

— Bom. O Adoniran, o Adoniran é o seguinte: ele não pára prá compor; ele compõe enquanto anda, enquanto fala. Avacalhar prá mim é não ter o que dizer, o que pensar. Antigamente, quando comecei a conhecer as músicas dele, achava palhaçada. Depois, fui gostando, gostando, e hoje acho ele demais.

Então, assim como a literatura caduca levou um grande baile no início da década de 60, quando Jorge Mautner começou a publicar sua trilogia "Mitologia do Kaos", também o samba levou porradas às custas de Adoniran. É fácil notar em grandes sambistas como Noel Rosa, Nelson Cavaquinho, o próprio Cartola, Candeia, Martinho da Vila ou Paulinho da Viola — já nem falo em Chico Buarque — o gosto frequente e ligeiramente incontrolável pela poesia bem construída, a gramática bem comportada. Adoniran nunca ligou prá isso.

— O sucesso de Saudosa Maloca — diz ele — não é meu. É do povo. Minha música é o chão falando. Basta ouvir o chão em que o povo pisa e traduzir numa boa. É isso aí.

Se pertencesse a outro(s), a frase acima poderia muito bem ser pendurada no cabide da demagogia barata. Mas Adoniran não é homem de se passar prá esse tipo de coisa. Para quem residiu na rua Aurora (lugar das bocas, em SP) e até hoje só transa legal com a malandragem, "As Mariposas" só poderiam ser cantadas assim, que nem no disco: "Eu sou a lâmpada e as mulé é as mariposa / ficam dando vorta em vorta de mim / toda noite, só prá me beijá".

E além do mais, toda a filosofia de Adoniran. Como todo bom pensador, reveste sua sabedoria com uma inocente despreensão, coisa de quem curte mesmo a estrela ballarina. Do samba atual, seis palavrinhas:

— Do jeito que vai, num vai.

Ator (de cinema, telenovelas, circo), homem de rádio (inúmeros programas, levando ao ar tipos populares), ex-profissional dos mais variados e incríveis biscates, uma verdadeira Escola. Ele mesmo acha que os críticos de música ("a maioria, não todos", adverte) analisam sua obra como quem está diante de "um texto a ser

corrigido e não de um disco a ser escutado". Como se sua única originalidade estivesse na maneira nada gramatical de dizer as coisas e não no sentimento tão forte de ligação com o meio, que o receio do ridículo diante dos intelectuais cai para terceiro, quarto plano.

Vamos imaginar este filho de venezianos criado em Valinhos circulando pela fantástica São Paulo dos anos 30 para cá, farejando cortiços e detritos, bocas e botecos, armazenando informações em seu crâneo criador, tomando aos goles todo o escândalo aberrante da sociedade xarope contemporânea. Certamente escandalizado. Então, pintaram no meio da sua arte histórias que hoje aterrorizam São Paulo: Iracema, atropelada em plena avenida São João. Iracema, que era seu amor, e hoje vive no imenso céu.

E no seu rosto enrugado está desenhado o Adoniran contrastante e maravilhoso: um poeta sofrido mas incapaz de esconder o brilho infantil e cativante dos olhos castanhos, o sorriso manhoso, o humor.

Ninguém pode negar em Adoniran as virtudes de um observador atento de todas as realidades, visíveis e invisíveis. Dos passeios pelo bairro da Liberdade brotaram sambas como aquele do chinês, o pasteleiro atrapalhado.

E sempre muito crítico, de olho nas "sociedades" arrecadoras de direitos autorais ("Vitrola em baixo do braço, prá vender disco na rua!", bradava em 1958), nas demolições, na desumanização, nos estranhos amores e paixões desencadeadas nos subterrâneos de São Paulo. Já o chamaram de nosso primeiro poeta do underground, homem acostumado ao grude, à lama, anjo capaz de caminhar imune no meio de qualquer tipo de confusão generalizada.

E a maneira incrível como encarnou personagens nos filmes A Primeira Missa, A Carrocinha?

Que estranhas características um determinado tipo de samba está tomando hoje em dia, Adoniran Barbosa?

— Modelo 19 — respondeu, sem pensar.

Mulher, Patrão e Cachaça, Dona Boa, Malvina, Joga a Chave, Aqui Gerarda, as músicas dele sempre contam histórias, de uma forma ou de outra. A de Vardemá dotô, gravada para o carnaval de 1958 — ano em que o escrete brasileiro começou a conquistar suas "maiores glórias" do outro lado do Oceano Atlântico, tempo de Pelé — levou Adoniran a matutar sobre a necessidade de se "levar uma vitrolinha para as calçadas e apresentar a arte na rua, feito camelo".

"Mato Grosso", um malan-

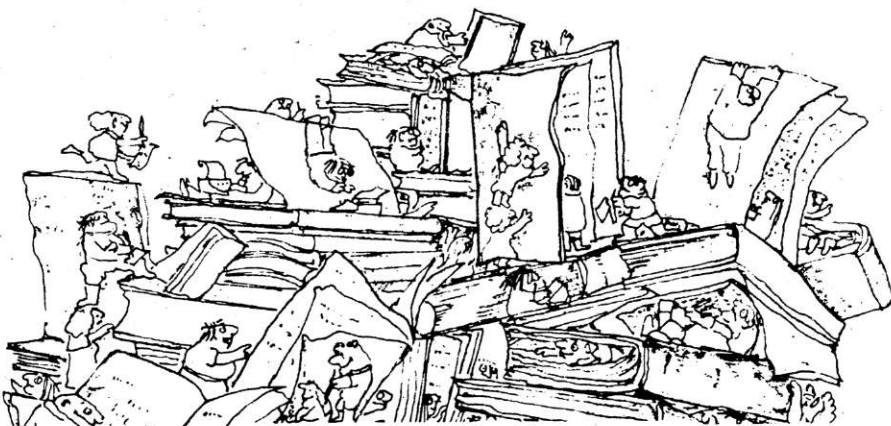
dro lembrado por Adoniran na canção Saudosa Maloca, parou repentinamente de beber quando ouviu seu nome cantado pelo poeta — anos depois, o mesmo regenerado Mato Grosso morreu intoxicado por 12 cervejas pretas, durante uma comemoração ao lado de amigos.

Todo poeta tem visões, afirmam. O disco de Adoniran Barbosa está nas lojas. E com um discutível "atraso", já que pintou nos mesmos tempos das incríveis ("engraçadas") letras de Raul Santos Seixas, Walter Franco, Gilberto Gil, Jorge Mautner, Smetak (sim, Smetak), O. José, Gismonti e outros.

Não se vê Adoniran Barbosa agredir quem quer que seja em suas letras. Mas este brilhante advogado dos humildes é habilidoso — desprezar a pompa e partir para o bate-papo informal é sua grande arma.

Nos Estados Unidos, de forma furiosamente mais fantástica, o chocante Lou Reed — líder do "Veludo Subterrâneo", afilhado do papa Andy Warhol, criado nos becos de NY — desempenha algo semelhante em canções terríveis e belas como Vicious, Walk on the wild side, Perfect Day, Heroína e todas.

Atenção: Adoniran garante que não vai parar de compor. Fazer o Circuito Universitário está em seus planos, os trabalhos na Record vão continuar ("bom prá ficar perto de todo mundo") e sua mente incansável é bem capaz de estar reservando mais pauleiras para o distinto público.



A Livraria Ciências Humanas tem books, libros, livres e livros

Inclusive aquele que o professor de Sociologia pediu e que não tem em lugar nenhum. Ou aquele que você viu no Quartier Latin e não comprou porque estava sem grana.

Pois o Raul Mateos Castell — o dono da livraria — está por dentro das necessidades de cada curso.

Antropologia, Filosofia, Ciências Sociais, História — é com ele mesmo. E com sua equipe: os próprios professores dessas disciplinas.

Se você escolhe livraria pelo tamanho, não precisa aparecer: ela é pequenina. Mas, não sendo um super-mercado de livros, tem a maior quantidade de livros importantes — por metro quadrado — qu evocê pode imaginar.

Faça um roteiro de férias com o Raul. Afinal, como dizem os antigos, é a melhor época para ler e estudar. De verdade.

E se você não pode chegar até a Livraria Ciências Humanas, ela chega até você. Pelo Reembolso Postal.

7 DE ABRIL, 264. LOJA B-2

FONE: 36-9544

C. POSTAL 4439 CEP 01044



A VENDA NA FAU(USP) E EM COMUNICAÇÕES (USP) — E NA AGENCIA "LOOK" (QUE FICA NAQUELA GALERIA, ESQUINA DA AV. CONSOLAÇÃO E AV. S. LUÍS)



Sherlock Holmes,
Hercule Poirot,
Inspetor Maigret,
Columbo e Cannon
não seriam capazes
de descobrir quem
cometeu este crime.

Você seria?

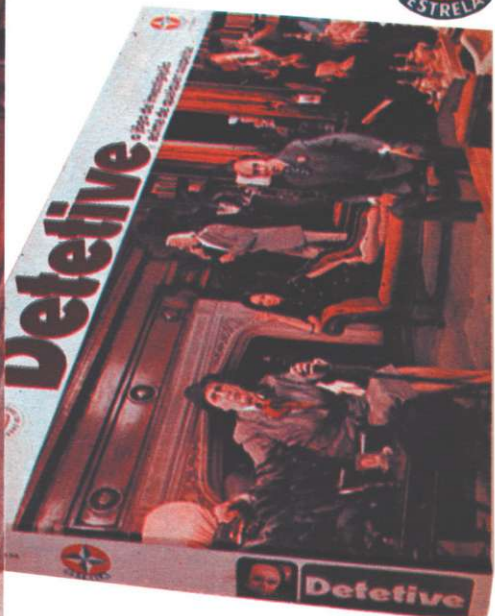


Detetive, o novo jogo da Estrela. Um mistério (ação! suspense! emoção!) para ser resolvido por até 6 pessoas. E para ser assistido por quantas couberem na sua sala.

Quem cometeu o crime? Onde? Com que arma? Ganha quem acabar primeiro com o suspense.

Agora você pode receber as suas visitas com um bom programa: um belo crime.

Detetive. Um verdadeiro caso de polícia. Da Estrela.



GILBERTO GIL AO VIVO

Gilang

Por quase dois anos Gil amadureceu a idéia deste Lp. Gravá-lo ao vivo foi se impondo aos poucos, na medida em que as interpretações de Gil começaram a se basear, cada vez mais, em diálogos com a platéia: músico estimulando as pessoas e as pessoas deflagrando a criatividade do músico. Essa "conversa" está registrada e você pode participar dela.



PRODUZIDO E DISTRIBUIDO PELA

PHONOGRAM